Luis Sepúlveda

História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar

Porto Editora

Luis
Sepúlveda

História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar

Ilustrações de
Sabine Wilharm

Esta é a história de Zorbas, um gato grande, preto e gordo. Um dia, uma formosa gaivota apanhada por uma maré negra de petróleo deixa ao cuidado dele, momentos antes de morrer, o ovo que acabara de pôr.

Zorbas, que é um gato de palavra, cumprirá as três promessas que nesse momento dramático lhe é obrigado a fazer: não comerá o ovo e não só criará a pequena gaivota, como também a ensinará a voar. Tudo isto com a ajuda dos seus amigos Secretário, Sabetudo, Barlavento e Colonello, dado que, como se verá, a tarefa não é fácil, sobretudo para um bando de gatos mais habituados a fazer frente à vida dura de um porto como o de Hamburgo do que a fazer de pais de uma cria de gaivota...

Com a graça de uma fábula e a força de uma parábola, Luis Sepúlveda oferece-nos neste seu livro já clássico uma mensagem de esperança de altíssimo valor literário e poético.

www.portoeditora.pt

04092.14

ISBN 978-972-0-04092-3

L U I S   S E P Ú L V E D A

HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR

GATO ZORBAS

LUIS SEPÚLVEDA

HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR

Ilustrações de Sabine Wilharm

Tradução de Pedro Tamen

DITOSA

História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar
Luis Sepúlveda

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária - Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
Historia de una Gaviota y del Gato que le Enseño a Volar

Ilustrações: Sabine Wilharm

1.ª edição: fevereiro de 2010
5.ª edição: novembro de 2011

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.**portoeditora**.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 335737/11
ISBN 978-972-0-04092-3

SABETUDO

Índice

COLONELLO

Segunda parte

Aos meus filhos Sebastián, Max e León,
os melhores tripulantes dos meus sonhos;

ao porto de Hamburgo,
porque foi aí que embarcaram;

e ao gato Zorbas, evidentemente.

Primeira parte

BARLAVENTO

1

Mar do Norte

– Banco de arenques a bombordo! – anunciou a gaivota de vigia, e o bando do Farol da Areia Vermelha recebeu a notícia com grasnidos de alívio.

Iam com seis horas de voo sem interrupções e, embora as gaivotas-piloto as tivessem conduzido por correntes de ar cálido que lhes haviam tornado agradável aquele planar sobre o oceano, sentiam a necessidade de recobrar forças, e para isso não havia nada melhor do que um bom fartote de arenques.

Voavam sobre a foz do rio Elba, no mar do Norte. Viam lá do alto os barcos alinhados uns atrás dos outros, como pacientes e disciplinados animais aquáticos à espera de vez para saírem para o alto mar e ali orientarem os seus rumos para todos os portos do planeta.

Kengah, uma gaivota de penas cor de prata, gostava especialmente de observar as bandeiras dos barcos, pois sabia que cada uma delas representava uma forma de falar, de dar nome às mesmas coisas com palavras diferentes.

– As dificuldades que os humanos têm! Nós, gaivotas, ao menos grasnamos o mesmo em todo o mundo – comentou uma vez Kengah para uma das suas companheiras de voo.

– Pois é. E o mais notável é que às vezes até conseguem entender-se – grasnou a outra.

Mais para além da linha de costa, a paisagem tornava-se num verde intenso. Era um enorme prado em que se destacavam os rebanhos de ovelhas pastando ao abrigo dos diques e das preguiçosas velas dos moinhos de vento.

Seguindo as instruções das gaivotas-piloto, o bando do Farol da Areia Vermelha tomou uma corrente de ar frio e lançou-se em voo picado sobre o cardume de arenques.

Cento e vinte corpos perfuraram a água como setas e, ao regressar à superfície, cada gaivota segurava um arenque no bico.

Saborosos arenques. Saborosos e gordos. Era mesmo do que precisavam para recuperar energias antes de continuarem o voo para Den Helder, onde se lhes juntaria o bando das ilhas Frísias.

No plano de voo estava previsto que seguiriam depois até ao estreito de Calais e ao canal da Mancha, onde seriam recebidas pelos bandos da baía do Sena e de Saint-Malo, com os quais voariam juntas até chegarem aos céus da Biscaia.

Seriam então umas mil gaivotas que, como uma rápida nuvem cor de prata, iriam aumentando com a incorporação dos bandos de Belle-Île e de Oléron, dos cabos de Machicaco, do Ajo e de Peñas. Quando todas as gaivotas autorizadas

pela lei do mar e dos ventos voassem sobre a Biscaia, poderia começar a grande convenção das gaivotas dos mares Báltico, do Norte e Atlântico.

Seria um belo encontro. Era nisso que Kengah pensava, enquanto dava conta do seu terceiro arenque. Como todos os anos, iriam escutar-se interessantes histórias, especialmente as contadas

pelas gaivotas do cabo de Peñas, infatigáveis viajantes que voavam às vezes até às ilhas Canárias ou às de Cabo Verde.

As fêmeas como ela iriam entregar-se a grandes festins de sardinhas e lulas, enquanto os machos instalariam os ninhos à beira de uma escarpa. Neles poriam os ovos, neles os chocariam a salvo de qualquer ameaça e, quando tivessem crescido às gaivotinhas as primeiras penas resistentes, chegaria a parte mais bela da viagem: ensinar-lhes a voar nos céus da Biscaia.

Kengah mergulhou a cabeça para agarrar o quarto arenque e por isso não ouviu o grasnido de alarme que estremeceu o ar:

– Perigo a estibordo! Descolagem de emergência!

Quando Kengah tirou a cabeça da água viu-se sozinha na imensidade do oceano.

2

Um gato grande, preto e gordo

- Tenho muita pena de te deixar sozinho - disse o garoto acariciando o lombo do gato grande, preto e gordo.

Depois continuou a meter coisas na mochila. Pegava numa cassete do grupo Pur, um dos seus favoritos, guardava-a, tinha dúvidas, tirava-a, e não sabia se havia de tornar a metê-la na mochila ou deixá-la em cima da mesa de cabeceira. Era difícil decidir o que havia de levar para as férias e o que devia deixar em casa.

O gato grande, preto e gordo olhava para ele com atenção, sentado no peitoril da janela, o seu lugar favorito.

- Guardei os óculos de nadar? Zorbas, viste os meus óculos de nadar? Não. Não os conheces porque não

gostas da água. Não sabes o que perdes. Nadar é um dos desportos mais divertidos. Vão umas bolachinhas? - ofereceu o garoto pegando na caixa de bolachas para gatos.

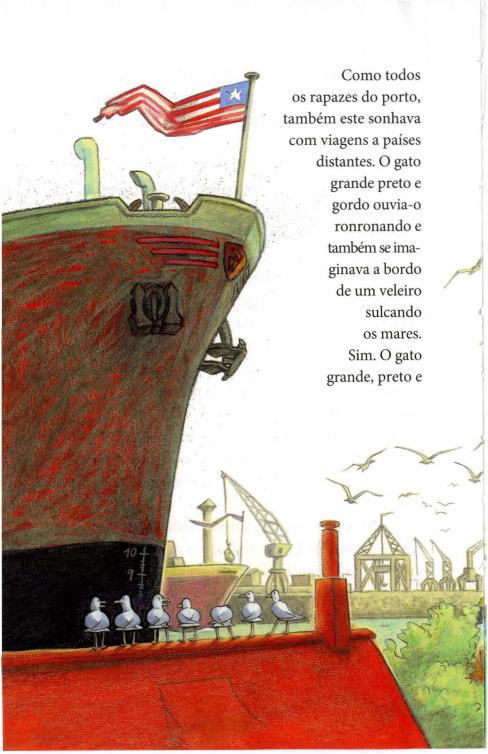
Serviu-lhe uma ração mais que generosa, e o gato grande, preto e gordo começou a mastigar lentamente para prolongar o prazer. Que bolachas deliciosas, estaladiças e a saber a peixe!

«É bom rapaz», pensou o gato de boca cheia. «Bom rapaz? É o melhor que há!», corrigiu enquanto engolia.

Zorbas, o gato grande, preto e gordo, tinha muito boas razões para pensar isto do garoto, que não só gastava o dinheiro da sua mesada naquelas deliciosas bolachas, como ainda lhe mantinha sempre limpo o caixote de areia onde aliviava o corpo e o instruía falando-lhe de coisas importantes.

Costumavam passar muitas horas juntos na varanda, contemplando a incessante azáfama do porto de Hamburgo, e nessas ocasiões, por exemplo, o garoto dizia-lhe:

- Estás a ver aquele barco, Zorbas? Sabes donde vem? Pois vem da Libéria, que é um país africano muito interessante porque foi fundado por pessoas que tinham sido escravos. Quando for grande hei de ser comandante de um grande veleiro e hei de ir à Libéria. E tu vens comigo, Zorbas. Serás um bom gato de mar. Tenho a certeza.

Como todos
os rapazes do porto,
também este sonhava
com viagens a países
distantes. O gato
grande preto e
gordo ouvia-o
ronronando e
também se ima-
ginava a bordo
de um veleiro
sulcando
os mares.
Sim. O gato
grande, preto e

gordo sentia uma grande afeição pelo garoto, e não se esquecia de que lhe devia a vida.

Zorbas contraíra essa dívida precisamente no dia em que abandonou o cesto que lhe servia de morada juntamente com os seus sete irmãos.

O leite da mãe era morno e doce, mas ele queria provar uma daquelas cabeças de peixe que a gente do mercado dava aos gatos grandes. E não pensava comê-la inteira, nada disso, a sua ideia era arrastá-la até ao cesto e depois miar aos irmãos:

– Já basta de chupar na nossa pobre mãe! Não veem como ela ficou fraca? Comam peixe, que é o alimento dos gatos de porto.

Poucos dias antes de abandonar o cesto, a mãe tinha-lhe miado muito a sério:

– Tu és ágil e vivaço, e ainda bem, mas tens de ter cuidado com o que fazes e não sair do cesto. Amanhã ou depois vêm os humanos e decidem sobre o teu destino e sobre o dos teus irmãos. De certeza que lhes vão dar nomes simpáticos e terão comidinha garantida. É uma grande sorte terem nascido num porto, pois nos portos as pessoas gostam dos gatos e protegem-nos. A única coisa que os humanos esperam de nós é que mantenhamos os ratos à distância. Sim, meu filho. Ser um gato de porto é uma grande sorte, mas tu tens de ter cuidado porque há em ti algo que te pode tornar infeliz. Filho, se olhares para os teus irmãos verás que todos são cinzentos e têm a pele às riscas como os tigres. Mas tu nasceste todo preto, com exceção desse pequeno tufo de pelo branco que tens debaixo do queixo. Há humanos que julgam que os gatos pretos dão azar e por isso, filho, não saias do cesto.

Mas Zorbas, que naquela altura era assim como uma bolinha de carvão, saiu do cesto. Queria provar uma daquelas cabeças de peixe. E também queria ver um pouco de mundo.

Não foi muito longe. Ia trotando em direção a um lugar de venda de peixe, de rabo todo alçado e vibrante, quando passou diante de um grande pássaro que dormitava de cabeça inclinada. Era um pássaro muito feio e com um

papo enorme debaixo do bico. De repente, o pequeno gato preto sentiu que o chão se afastava das suas patas, e, sem compreender o que estava a acontecer, deu consigo às voltas no ar. Lembrando-se de um dos primeiros ensinamentos da mãe, procurou um lugar onde caísse em cima das quatro patas, mas lá em baixo esperava-o o pássaro de bico aberto. Caiu-lhe no papo, que estava muito escuro e cheirava horrivelmente.

- Deixa-me sair! Deixa-me sair! - miou ele desesperado.

- Vá lá. Podes falar - grasnou o pássaro sem abrir o bico.
- Que bicho és tu?

- Ou me deixas sair ou arranho-te! - miou ele ameaçador.

- Desconfio que és uma rã. Tu és uma rã? - perguntou o pássaro sempre de bico fechado.

- Estou a afogar-me, pássaro idiota! - gritou o gatinho.

- Sim. És uma rã. Uma rã preta. Que curioso.

– Sou um gato, e estou furioso! Deixa-me sair ou ainda te arrependes! – miou o pequeno Zorbas, procurando onde havia de cravar as garras no papo às escuras.

– Julgas que não sei distinguir um gato de uma rã? Os gatos são peludos, velozes e cheiram a pantufa. Tu és uma rã. Uma vez, comi várias rãs e não eram más, mas eram verdes. Ouve lá, não serás tu uma rã venenosa? – grasnou o pássaro preocupado.

– Sim! Sou uma rã venenosa e além disso dou azar!

– Que dilema! Uma vez engoli um ouriço venenoso e não me aconteceu nada. Que dilema! Engulo-te ou cuspo-te? – meditou o pássaro, mas não grasnou mais nada porque se agitou, bateu as asas e finalmente abriu o bico.

O pequeno Zorbas, todo molhado de baba, deitou a cabeça de fora e saltou para o chão. Então viu o garoto, que segurava o pássaro agarrado pelo pescoço e o sacudia.

– Deves estar cego, pelicano imbecil! Vem cá, gatinho. Por pouco acabavas na pança deste passarão – disse o garoto, pegando nele ao colo.

Assim começara aquela amizade que já durava há cinco anos.

O beijo que o garoto lhe deu na cabeça desviou-o das suas recordações. Viu-o enfiar a mochila, caminhar para a porta e, de lá, despedir-se mais uma vez.

– Vemo-nos daqui a quatro semanas. Pensarei em ti todos os dias, Zorbas. Prometo.

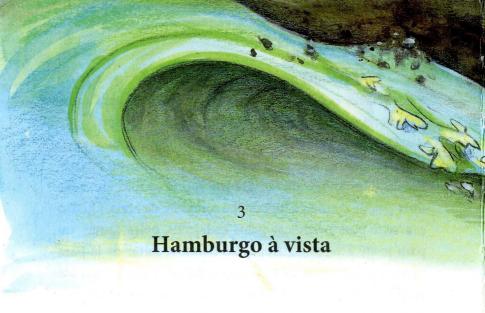
– Adeus, Zorbas! Adeus, gordalhufo! – despediram-se os dois irmãos mais novos do garoto.

O gato grande, preto e gordo ouviu-os fechar a porta a sete chaves e correu para uma janela que dava para a rua, para ver a sua família adotiva antes de ela se afastar.

O gato grande, preto e gordo respirou com prazer. Durante quatro semanas seria dono e senhor do apartamento. Um amigo da família iria todos os dias abrir-lhe uma lata de comida e limpar-lhe o caixote de areia. Quatro semanas para preguiçar pelos cadeirões, pelas camas, ou para ir até à varanda, trepar ao telhado, saltar de lá para os ramos do velho castanheiro e descer pelo tronco até ao pátio interior, onde costumava encontrar-se com os outros gatos do bairro. Não ia aborrecer-se. Nem por sombras.

Assim pensava Zorbas, o gato grande, preto e gordo, porque não sabia o que lhe iria cair em cima nas próximas horas.

3

Hamburgo à vista

Kengah estendeu as asas para levantar voo, mas a espessa onda foi mais rápida e cobriu-a inteiramente. Quando veio ao de cima, a luz do dia havia desaparecido e, depois de sacudir a cabeça energicamente, compreendeu que a maldição dos mares lhe obscurecia a visão.

Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça, até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra.

Com todos os músculos contraídos pelo esforço, chegou por fim ao limite da mancha de petróleo e ao fresco contacto com a água limpa. Quando, de tanto

pestanejar e mergulhar a cabeça, conseguiu limpar os olhos, olhou para o céu e não viu mais que algumas nuvens que se interpunham entre o mar e a imensidade da abóbada celeste. As suas companheiras do bando do Farol da Areia Vermelha já voariam longe, muito longe.

Era a lei. Também ela vira outras gaivotas surpreendidas pelas mortíferas marés negras e, apesar da vontade de descer para lhes oferecer um auxílio tão inútil como impossível, afastara-se, respeitando a lei que proíbe presenciar a morte das companheiras.

De asas imobilizadas, coladas ao corpo, as gaivotas eram presas fáceis para os grandes peixes, morriam lentamente, asfixiadas pelo petróleo que, metendo-se entre as penas, lhes tapava todos os poros.

Era essa a sorte que a esperava, e desejou desaparecer depressa entre as fauces de um grande peixe.

A mancha negra. A peste negra. Enquanto esperava o fatal desenlace, Kengah amaldiçoou os humanos.

– Mas não todos. Nada de injustiças – grasnou ela debilmente.

Muitas vezes vira lá do alto como certos grandes barcos petroleiros aproveitavam os dias de neblina costeira para se afastar pelo mar dentro para lavar os tanques. Atiravam ao mar milhares de litros de uma substância espessa e pestilenta que era arrastada pelas ondas. Mas vira também que às vezes umas pequenas embarcações se aproximavam dos petroleiros e os impediam de esvaziar os tanques. Infelizmente aquelas embarcações decoradas com as cores do arco-íris nem sempre chegavam a tempo de impedir o envenenamento dos mares.

Kengah passou as horas mais longas da sua vida poisada à superfície da água, perguntando a si mesma, apavorada, se porventura a esperava a mais terrível das mortes; pior que ser devorada por um peixe, pior que sentir a angústia da asfixia, era morrer de fome.

Desesperada perante a ideia de uma morte lenta, sacudiu-se toda e verificou com

espanto que o petróleo não lhe tinha colado as asas ao corpo. Tinha as penas impregnadas daquela substância espessa, mas ao menos podia estendê-las.

– Talvez tenha ainda uma possibilidade de sair daqui, e quem sabe se, voando alto, muito alto, o sol não derreterá o petróleo – grasnou Kengah.

Veio-lhe à memória uma história ouvida a uma velha gaivota das ilhas Frísias que falava de um humano chamado Ícaro, que, para realizar o sonho de voar, fabricara umas asas com penas de águia e voara alto, até muito perto do sol, tanto que o calor deste derreteu a cera com que colara as penas e caiu.

Kengah bateu as asas energicamente, encolheu as patas, ergueu-se uns dois palmos e caiu de borco na água. Antes de tentar de novo submergiu o corpo e moveu as asas debaixo de água. Desta vez ergueu-se mais de um metro antes de cair.

O maldito petróleo pegava-lhe as penas da rabadilha, de tal maneira que não podia orientar a subida. Mergulhou uma vez mais e, com o bico, puxou pela capa de imundície que lhe cobria a cauda. Suportou a dor das penas arrancadas, até que finalmente verificou que a sua parte traseira estava um pouco menos suja.

À quinta tentativa, Kengah conseguiu levantar voo.

Batia as asas com desespero, pois o peso da camada de petróleo não lhe permitia planar. Bastaria uma só pausa para ir por ali abaixo. Por sorte, era uma gaivota jovem e os músculos respondiam em boa forma.

Ganhou altura. Sem deixar de mover as asas, olhou para baixo e viu a costa que se perfilava apenas como uma linha branca. Viu também alguns barcos movendo-se como diminutos objetos sobre um pano azul. Ganhou mais altura, mas os esperados efeitos do sol não a atingiam. Talvez os seus raios produzissem um calor

muito fraco, ou então era a camada de petróleo que era excessivamente espessa.

Kengah compreendeu que as forças não lhe iam durar muito, e, procurando um lugar onde descer, voou terra adentro, seguindo a serpenteante linha verde do Elba.

O movimento das asas foi-se-lhe tornando cada vez mais pesado e lento. Estava a perder forças. Já não voava tão alto.

Numa desesperada tentativa de recuperar altura, fechou os olhos e bateu as asas com as suas últimas energias. Não soube durante quanto tempo manteve os olhos fechados, mas quando os abriu ia a voar sobre uma alta torre que ostentava um cata-vento de ouro.

– São Miguel! – grasnou ela ao reconhecer a torre da igreja de Hamburgo.

As asas negaram-se a continuar o voo.

4

O fim de um voo

O gato grande, preto e gordo estava a apanhar sol na varanda, ronronando e meditando acerca de como se estava bem ali, recebendo os cálidos raios de barriga para cima, com as quatro patas muito encolhidas e o rabo estendido.

No preciso momento em que rodava preguiçosamente o corpo para que o sol lhe aquecesse o lombo ouviu o zumbido provocado por um objeto voador que não foi capaz de identificar e

que se aproximava a grande velocidade. Atento, deu um salto, pôs-se de pé nas quatro patas e mal conseguiu atirar--se para um lado para se esquivar à gaivota que caiu na varanda.

Era uma ave muito suja. Tinha todo o corpo impregnado de uma substância escura e malcheirosa.

Zorbas aproximou-se e a gaivota tentou pôr-se de pé arrastando as asas.

– Não foi uma aterragem muito elegante – miou.

– Desculpa. Não pude evitar – reconheceu a gaivota.

– Olha lá, tens um aspeto desgraçado. Que é isso que tens no corpo? E que mal que cheiras! – miou Zorbas.

- Fui apanhada por uma maré negra. A peste negra. A maldição dos mares. Vou morrer - grasnou a gaivota num queixume.

- Morrer? Não digas isso. Estás cansada e suja. Só isso. Porque é que não voas até ao jardim zoológico? Não é longe daqui e lá há veterinários que te poderão ajudar - miou Zorbas.

- Não posso. Foi o meu voo final - grasnou a gaivota numa voz quase inaudível, e fechou os olhos.

- Não morras! Descansa um pouco e verás que recuperas. Tens fome? Trago-te um pouco da minha comida, mas não morras - pediu Zorbas, aproximando-se da desfalecida gaivota.

Vencendo a repugnância, o gato lambeu-lhe a cabeça. Aquela substância que a cobria, além do mais, sabia horrivelmente. Ao passar-lhe a língua pelo pescoço notou que a respiração da ave se tornava cada vez mais fraca.

- Olha, amiga, quero ajudar-te mas não sei como. Procura descansar enquanto eu vou pedir conselho sobre o que se deve fazer com uma gaivota doente - miou Zorbas, preparando-se para trepar ao telhado.

Ia a afastar-se na direção do castanheiro quando ouviu a gaivota a chamá-lo.

- Queres que te deixe um pouco da minha comida? - sugeriu ele algo aliviado.

- Vou pôr um ovo. Com as últimas forças que me restam vou pôr um ovo. Amigo gato, vê-se que és um animal bom e de nobres sentimentos. Por isso, vou

pedir-te que me faças três promessas. Fazes? - grasnou ela, sacudindo desajeitadamente as patas numa tentativa falhada de se pôr de pé.

Zorbas pensou que a pobre gaivota estava a delirar e que com um pássaro em estado tão lastimoso ninguém podia deixar de ser generoso.

- Prometo-te o que quiseres. Mas agora descansa - miou ele compassivo.

- Não tenho tempo para descansar. Promete-me que não comes o ovo - grasnou ela abrindo os olhos.

- Prometo que não te como o ovo - repetiu Zorbas.

- Promete-me que cuidas dele até que nasça a gaivotinha.

- Prometo que cuido do ovo até nascer a gaivotinha.

- E promete-me que a ensinas a voar - grasnou ela fitando o gato nos olhos.

Então Zorbas achou que aquela infeliz gaivota não só estava a delirar, como estava completamente louca.

- Prometo ensiná-la a voar. E agora descansa, que vou em busca de auxílio - miou Zorbas trepando de um salto para o telhado.

Kengah olhou para o céu, agradeceu a todos os bons ventos que a haviam acompanhado e, justamente ao exalar o último suspiro, um pequeno ovo branco com pintinhas azuis rolou junto do seu corpo impregnado de petróleo.

5

Em busca de conselho

Zorbas desceu rapidamente pelo tronco do castanheiro, atravessou o pátio interior a toda a pressa para evitar ser visto por uns cães vagabundos, saiu para a rua, assegurou-se de que não vinha

nenhum automóvel, atravessou-a e correu na direção do Cuneo, um restaurante italiano do porto.

Dois gatos que andavam a farejar num contentor de lixo viram-no passar.

- Ai, compadre! Está a ver o que eu estou a ver? Ai que gordinho tão lindo - miou um.

- Pois é, compadre. E tão preto. Mais que uma bolinha de gordura, parece uma bolinha de alcatrão Aonde vais, bolinha de alcatrão? - perguntou o outro.

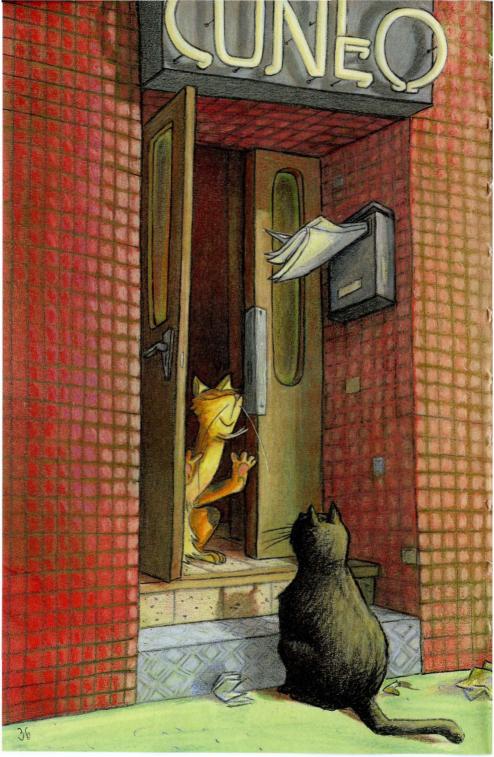
Embora estivesse muito preocupado com a gaivota, Zorbas não estava disposto a deixar passar as provocações daqueles malvados. E por isso interrompeu a corrida, eriçou a pele do lombo e saltou sobre o contentor de lixo.

Estendeu lentamente uma pata da frente, pôs de fora uma garra tão comprida como um fósforo e aproximou-a da cara de um dos provocadores.

- Gostas? Olha que tenho mais nove. Queres experimentá-las no espinhaço? - miou com toda a calma.

Com a garra diante dos olhos, o gato engoliu saliva antes de responder.

- Não, chefe! Está um lindo dia, não acha? - miou ele sem tirar os olhos da garra.

CUNEO

– E tu? Que me dizes? – perguntou Zorbas dirigindo-se ao outro gato.

– Eu também digo que está um lindo dia, agradável para passear, embora um bocadinho frio.

Arrumado o assunto, Zorbas retomou o seu caminho até chegar diante da porta do restaurante. Lá dentro os empregados estavam a pôr as mesas para os comensais do almoço. Zorbas miou três vezes e esperou sentado no patamar da entrada. Poucos minutos depois aproximou-se Secretário, um gato romano muito magro e apenas com dois pelos de bigode, um de cada lado do nariz.

– Temos muita pena, mas se não fez reserva não podemos atendê-lo. Estamos à cunha – miou ele como quem cumprimenta. Ia acrescentar mais qualquer coisa, mas Zorbas interrompeu-o.

– Preciso de miar com o Colonello. É urgente.

– Urgente! Sempre com urgências de última hora! Vou ver o que posso fazer, mas só porque se trata de uma urgência – miou Secretário, regressando ao interior do restaurante.

Colonello era um gato de idade indefinível. Alguns diziam que tinha tantos

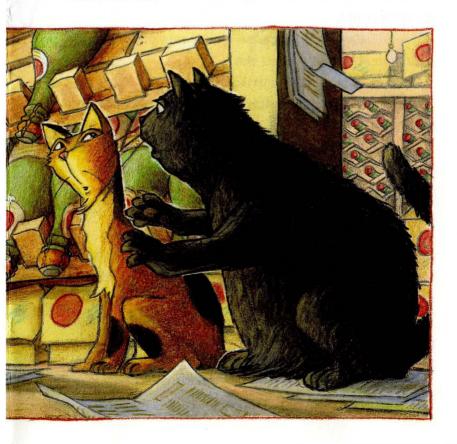
anos como o restaurante que o albergava; outros sustentavam que era ainda mais velho. Mas a sua idade não importava, porque Colonello possuía um curioso talento para aconselhar os que se encontravam em dificuldades e, embora nunca solucionasse qualquer conflito, os seus conselhos pelo menos reconfortavam. Por ser velho e talentoso, Colonello era uma autoridade de todo o tamanho entre os gatos do porto.

Secretário regressou a correr.

– Segue-me. A título excecional, o Colonello vai receber-te – miou.

Zorbas seguiu-o. Passando por debaixo das mesas e das cadeiras da sala de jantar chegaram à porta da adega. Desceram aos saltos os degraus de uma estreita escada e lá em baixo foram encontrar Colonello, de rabo todo alçado, inspecionando as rolhas de umas garrafas de champanhe.

– *Porca miseria!* Os ratos roeram as rolhas do melhor champanhe da casa. Zorbas! *Caro amico!* – saudou Colonello, que costumava miar palavras em italiano.

– Desculpa incomodar-te em pleno trabalho, mas tenho um grave problema e preciso dos teus conselhos – miou Zorbas.

– Estou às tuas ordens, *caro amico*. Secretário! Sirva ao *mio amico* um pouco dessa *lasagna al forno* que nos deram de manhã – ordenou Colonello.

– Mas comeu-a toda...! Nem sequer me deixou cheirá-la! – queixou-se Secretário.

Zorbas agradeceu, mas não tinha fome, e contou rapidamente a acidentada chegada da gaivota, o seu lamentável estado e as promessas que se vira obrigado a fazer-lhe. O velho gato ouviu em silêncio, depois meditou acariciando os seus longos bigodes e por fim miou energicamente:

– *Porca miseria!* É preciso ajudar essa pobre gaivota para poder continuar o seu voo.

– Sim, mas como? – miou Zorbas.

– O melhor é consultar o Sabetudo – aconselhou Secretário.

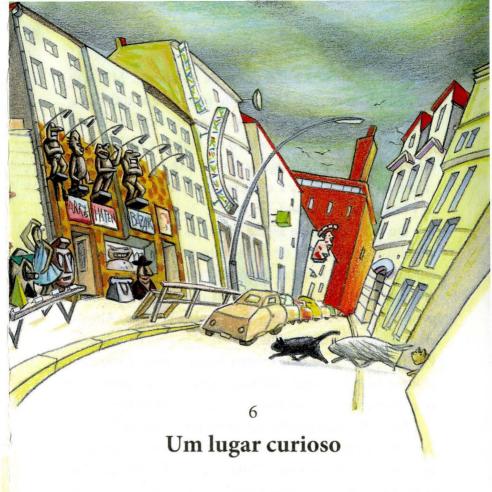
– Era exatamente o que eu ia sugerir. Porque é que este há de estar sempre a tirar-me as miadelas da boca? – reclamou Colonello.

– Sim. É uma boa ideia. Vou ter com o Sabetudo – miou Zorbas.

– Vamos todos. Os problemas de um gato do porto são problemas de todos os gatos do porto – declarou Colonello solenemente.

Os três gatos saíram da adega e, atravessando o labirinto de pátios interiores das casas alinhadas de frente para o porto, correram para o templo de Sabetudo.

6

Um lugar curioso

Sabetudo vivia num lugar bastante difícil de descrever, porque à primeira vista podia ser uma desordenada loja de artigos estranhos, um museu de extravagâncias, um depósito de máquinas sem préstimo, a biblioteca mais caótica do mundo ou o laboratório de algum sábio

inventor de objetos impossíveis de enumerar. Mas não era nada disso ou, antes, era muito mais do que tudo isso.

O lugar chamava-se HARRY – BAZAR DO PORTO, e o dono, Harry, era um velho lobo do mar que ao longo de cinquenta anos de navegação pelos sete mares se dedicara a colecionar toda a espécie de objetos nas centenas de portos que conhecera.

Quando a velhice se lhe instalou nos ossos, Harry decidiu trocar a vida de navegante pela de marinheiro em terra e abriu o bazar com todos os objetos reunidos. Alugou uma casa de três andares que logo se mostrou pequena para expor toda a sua insólita coleção. Alugou então a casa do lado, de dois andares, mas nem isso chegou. Por fim, depois de alugar uma terceira casa, conseguiu colocar todos os seus objetos, agora sim, dispostos de acordo com um particularíssimo sentido da ordem.

Nas três casas, unidas por passadiços e escadas estreitas, havia perto de um milhão de objetos, entre os quais há a destacar os seguintes: 7200 chapéus de abas flexíveis para que o vento os não levasse; 160 rodas de leme de barcos enjoados de tantas voltas que deram ao mundo; 245 lanternas de embarcações que desafiaram os mais espessos nevoeiros; 12 telégrafos de comandos batidos pelas mãos de iracundos capitães; 256 bússolas que nunca perderam o norte; 6 elefantes de madeira de tamanho natural; 2 girafas embalsamadas em atitude de quem contempla a savana; um urso polar embalsamado em cujo ventre descansava a mão direita, também embalsamada,

de um explorador norueguês; 700 ventiladores cujas pás, ao girar, recordavam as frescas brisas do entardecer nos trópicos; 1200 redes de dormir de juta que garantiam os melhores sonhos; 1300 marionetas de Sumatra que apenas tinham interpretado histórias de amor; 123 projetores de diapositivos que mostravam paisagens em que se podia ser sempre feliz; 54 000 romances em quarenta e sete idiomas; 2 reproduções da Torre Eiffel, a primeira construída com meio milhão de alfinetes de alfaiate e a segunda com trezentos mil palitos; 3 canhões de barcos corsários ingleses; 17 âncoras encontradas no fundo do mar do Norte; 2000 quadros de cenas de pôr do sol; 17 máquinas de escrever que haviam pertencido a famosos escritores; 128 ceroulas de flanela para homens de dois metros de altura; 7 fraques para anões; 500 pipas de espuma do mar; 1 astrolábio que teimava em assinalar o Cruzeiro do Sul; 7 búzios gigantes donde saíam longínquas ressonâncias de míticos naufrágios; 12 quilómetros de seda encarnada; 2 escotilhas de submarinos; e muitas outras coisas que levaria tempo a enumerar.

Para visitar o bazar havia que pagar uma entrada e, uma vez lá dentro, o visitante precisava de um grande sentido de orientação para não se perder no seu labirinto de salas sem janelas, longos corredores e escadas estreitas.

Harry tinha duas mascotes. Uma era Matias, um chimpanzé que exercia as funções de bilheteiro e de vigilante de segurança, jogava às damas com o velho marinheiro – é claro que muito mal –, bebia cerveja e tentava sempre

dar troco a menos. A outra mascote era Sabetudo, um gato cinzento, pequeno e magro, que dedicava a maior parte do seu tempo ao estudo dos milhares de livros que por lá havia.

Colonello, Secretário e Zorbas entraram no bazar de rabos muito empinados. Lamentaram não ver Harry atrás da bilheteira, porque o velho tinha sempre palavras carinhosas e uma salsicha para eles.

– Um momento, ó seus sacos de pulgas! Esquecem-se de pagar a entrada – guinchou Matias.

– Desde quando é que os gatos pagam? – protestou Secretário.

– O aviso da porta diz: «Entrada: dois marcos». Não está escrito em parte nenhuma que os gatos entram de

graça. Oito marcos, ou então põem-se a mexer daqui – guinchou o chimpanzé energicamente.

– Senhor macaco, receio bem que a matemática não seja o seu forte – miou Secretário.

– Era exatamente o que eu ia dizer. Lá está você mais uma vez a tirar-me os miados da boca – queixou-se Colonello.

– Bla, bla, bla! Ou pagam ou põem-se a mexer – ameaçou Matias.

Zorbas saltou para o outro lado da bilheteira e olhou fixamente para o chimpanzé de olhos nos olhos. Aguentou o olhar até que Matias pestanejou e começou a lacrimejar.

– Bem, realmente são seis marcos. Um erro, qualquer um tem – guinchou timidamente.

Zorbas, sem deixar de olhar para ele de olhos nos olhos, pôs de fora uma garra da sua pata direita da frente.

– Gostas, Matias? Olha que eu tenho mais nove. Estás a imaginá-las cravadas nesse cu vermelho que tens sempre virado para o ar? – miou ele tranquilamente.

– Por esta vez faço vista grossa. Podem passar – aceitou o chimpanzé fingindo-se calmo.

Os três gatos, de rabos orgulhosamente alçados, desapareceram no labirinto de corredores.

7

Um gato que sabe tudo

– Terrível! Terrível! Aconteceu qualquer coisa terrível – miou Sabetudo quando os viu chegar.

Passeava nervosamente diante de um enorme livro aberto no chão e de vez em quando levava as patas dianteiras à cabeça. Via-se que estava verdadeiramente desconsolado.

– Que se passou? – perguntou Secretário.

– Era exatamente o que eu ia perguntar. Parece que isso de me tirar os miados da boca é uma obsessão – observou Colonello.

– Vamos. Não há de ser assim tão grave – sugeriu Zorbas.

– Não é assim tão grave?! É terrível! Terrível! Esses malditos ratos comeram uma página inteira do atlas. O mapa de Madagáscar desapareceu. É terrível! – insistiu Sabetudo puxando pelos bigodes.

– Secretário, lembre-me de que tenho de organizar uma batida contra esses devoradores de Madáscar... Magáscar..., enfim, já sabe ao que me estou a referir – miou Colonello.

– Madagáscar – especificou Secretário.

– Continue, continue a tirar-me os miados da boca. *Porca miseria!* – exclamou Colonello.

– A gente dá-te uma mãozinha, Sabetudo, mas agora estamos aqui porque temos um grande problema e, como tu sabes tanto, talvez nos possas ajudar – miou Zorbas. E então contou-lhe a triste história da gaivota.

Sabetudo escutou com atenção. Fazia que sim com a cabeça e, quando os nervosos movimentos do rabo expressavam com excessiva eloquência os sentimentos que os miados de Zorbas nele despertavam, tratava de o meter debaixo das patas traseiras.

– ... e assim a deixei, muito mal, há um bocadinho... – concluiu Zorbas.

– Terrível história! Terrível! Vejamos, deixem-me pensar: gaivota... petróleo... petróleo... gaivota... gaivota doente... É isso. Temos de consultar a enciclopédia! – exclamou ele jubilosamente.

– A quê? – miaram os três gatos.

– A en-ci-clo-pé-di-a. O livro do saber. Temos de procurar nos volumes sete e dezassete, correspondentes às letras «G» e «P» – indicou Sabetudo com decisão.

– Ora vejamos essa emplicopé... emplicopé... ora bem – propôs Colonelio.

– En-ci-clo-pé-di-a – disse Secretário lentamente entre dentes.

– Era o que eu ia dizer. Verifico mais uma vez que não consegue resistir à tentação de me tirar os miados da boca – resmungou Colonello.

Sabetudo trepou a um enorme móvel onde se alinhavam grossos livros de imponente aparência e, depois de procurar nas lombadas as letras «G» e «P», fez cair os volumes. Depois desceu e, com uma garra muito curta e gasta de tanto examinar livros, foi passando as páginas.

Os três gatos guardavam respeitoso silêncio, enquanto o ouviam sussurrar miados quase inaudíveis.

- Sim, acho que vamos por bom caminho. Que interessante. Gaivagem. Gaivão. Gaivina. Olha que interessante! Oiçam isto, meus amigos: parece que a gaivina também se chama gaivinha e também é conhecida por andorinha-do-mar e por outros nomes. Interessante! - exclamou Sabetudo entusiasmado.

- Não nos interessa o que diga aí da gaivina. Estamos aqui por causa de uma gaivota - interrompeu-o Secretário.

- Não se importa de ter a amabilidade de não me tirar os miados da boca? - respingou Colonello.

- Desculpem. É que a enciclopédia é para mim uma coisa irresistível. De cada vez que olho para estas páginas aprendo qualquer coisa de novo - desculpou-se Sabetudo, e continuou a passar

palavras até
dar com a que procurava.

Mas o que a enciclopédia dizia das gaivotas não lhes serviu de grande ajuda. Quando muito, souberam que a gaivota que os preocupava pertencia à espécie argentada, que se chama assim devido à cor de prata das penas.

E o que encontraram sobre o petróleo também não os levou a saber como ajudar a gaivota, embora tivessem que suportar uma longa dissertação de Sabetudo, que se alongou a falar de uma guerra do petróleo que teve lugar nos anos setenta.

- Pelos picos do ouriço! Estamos na mesma! - miou Zorbas.

- É terrível! Terrível! Foi a primeira vez que a enciclopédia me desiludiu - admitiu, desconsolado, Sabetudo.

- E nessa emplicopé... ecimolé... enfim, bem sabes o que eu quero, não há conselhos práticos sobre a maneira de tirar as nódoas de petróleo? - perguntou Colonello.

- Genial! Terrivelmente genial! Devíamos ter começado por aí! Já vos trago o volume vinte, letra «T» de tira-nódoas - anunciou Sabetudo com euforia, ao mesmo tempo que trepava novamente para o móvel dos livros.

- Está a ver? Se você evitasse esse odioso costume de me tirar

os miados da boca já saberíamos o que tínhamos de fazer - declarou Colonello ao silencioso Secretário.

Na página dedicada à palavra tira-nódoas encontraram, além de como tirar nódoas de marmelada, de tinta da China, de sangue e de xarope de framboesas, a solução para eliminar manchas de petróleo.

- «Limpa-se a superfície afetada com um pano humedecido em benzina.» Cá temos a solução! - miou Sabetudo.

- Não temos nada. Onde diabo é que vamos buscar benzina? - resmungou Zorbas com evidente mau humor.

- Pois, se bem estou recordado, na cave do restaurante temos um boião com pincéis mergulhados em benzina. Secretário, já sabe o que tem a fazer - miou Colonello.

- Desculpe, senhor, mas não estou a captar a sua ideia - desculpou-se Secretário.

- É muito simples: você humedece convenientemente o rabo com benzina e depois vamos tratar dessa pobre gaivota - indicou Colonello olhando para outro lado.

- Ah, não! Isso é que não! Nem pensar! - protestou Secretário.

- Lembro-lhe que a ementa desta tarde contempla uma dupla ração de fígado com natas - murmurou Colonello.

- Meter o rabo em benzina?... Disse fígado com natas? - miou Secretário consternado.

Sabetudo decidiu acompanhá-los, e os quatro gatos correram para a saída do bazar de Harry. Ao vê-los passar, o chimpanzé, que acabava de beber uma cerveja, dedicou-lhes um sonoro arroto.

8

Zorbas começa a cumprir o prometido

Os quatro gatos desceram do telhado para a varanda e imediatamente compreenderam que haviam chegado tarde. Colonello, Sabetudo e Zorbas observaram com respeito o corpo sem vida da gaivota, enquanto Secretário agitava o rabo ao vento para lhe tirar o cheiro a benzina.

- Acho que devemos juntar-lhe as asas. É o que se faz nestes casos - indicou Colonello.

Vencendo a repugnância que lhes provocava aquele ser impregnado de petróleo, uniram-lhe as asas ao corpo e, ao mexer-lhe, descobriram o ovo branco com pintinhas azuis.

- O ovo! Chegou a pôr o ovo! - exclamou Zorbas.

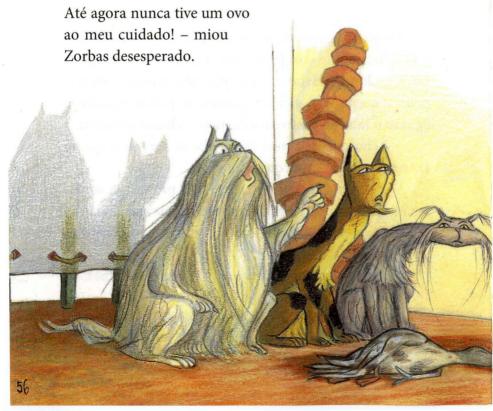
- Meteste-te numa boa embrulhada, *caro amico*. Numa boa embrulhada! - advertiu Colonello.

– Que vou eu fazer com o ovo? – perguntou Zorbas cada vez mais aflito.

– Com um ovo podem fazer-se muitas coisas. Uma omeleta, por exemplo – propôs Secretário.

– Ah, sim! Uma vista de olhos pela enciclopédia logo nos dirá como preparar a melhor das omeletas. O tema aparece no tomo dezasseis, letra «O» – garantiu Sabetudo.

– Disso nem miar! O Zorbas prometeu a essa pobre gaivota que cuidaria do ovo e da gaivotinha. Uma promessa de honra contraída por um gato do porto obriga todos os gatos do porto, e por isso o ovo diz-nos respeito – declarou solenemente Colonello.

– Mas eu não sei tratar de um ovo! Até agora nunca tive um ovo ao meu cuidado! – miou Zorbas desesperado.

Então todos os gatos olharam para Sabetudo. Talvez na sua famosa en-ci-clo-pé-di-a houvesse qualquer coisa a esse respeito.

- Tenho de consultar o volume dezasseis, letra «O». De certeza que está lá tudo o que temos de saber acerca do ovo, mas para já aconselho calor, calor corporal, muito calor corporal - indicou Sabetudo num tom pedante e didático.

- Ou seja, deitar-se junto do ovo, mas sem o partir - aconselhou Secretário.

- Era exatamente o que eu ia sugerir. Zorbas, ficas junto do ovo e nós vamos com o Sabetudo para vermos o que nos diz a sua empilopé... encimopé..., enfim, já sabes ao que me refiro. Voltamos à noite com novidades e damos sepultura a essa pobre gaivota - determinou Colonello antes de saltar para o telhado.

Sabetudo e Secretário acompanharam-no. Zorbas ficou na varanda, com o ovo e a gaivota morta. Estendeu-se com muito cuidado e puxou o ovo para junto da barriga. Sentia-se ridículo. Pensava na troça que fariam os dois gatos malvados, que tinha enfrentado de manhã, se o vissem.

Mas uma promessa é uma promessa e, assim, aquecido pelos raios do sol, foi-se deixando adormecer com o ovo branco com pintinhas azuis muito chegado à sua barriga preta.

9

Uma noite triste

Ao luar, Secretário, Sabetudo, Colonello e Zorbas cavaram um buraco ao pé do castanheiro. Pouco antes, procurando não ser vistos por nenhum humano, atiraram a gaivota morta da varanda para o pátio interior. Depositaram-na rapidamente na cova e cobriram-na de terra. Então Colonello miou num tom grave:

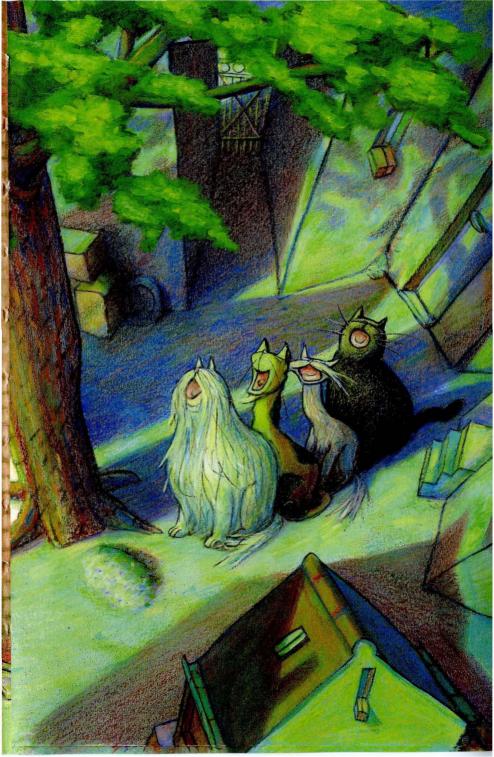
– Companheiros gatos, nesta noite de lua despedimo--nos dos restos de uma infeliz gaivota cujo nome nem sequer chegámos a saber. A única coisa que conseguimos saber dela, graças aos conhecimentos do companheiro Sabetudo, é que pertencia à espécie das gaivotas argentadas, e que vinha talvez de muito longe, de lá onde o rio se junta ao mar. Muito pouco soubemos dela, mas o que importa é que chegou moribunda até à casa do Zorbas,

um dos nossos, e depositou nele toda a sua confiança. O Zorbas prometeu-lhe cuidar do ovo que ela pôs antes de morrer, da gaivotinha que dele vai nascer e, o mais difícil, companheiros, prometeu ensiná-la a voar...

- Voar. Volume vinte e três, letra «V» - ouviu-se Sabetudo murmurar.

- É exatamente o que o senhor Colonello ia dizer. Não lhe tires os miados da boca - aconselhou Secretário.

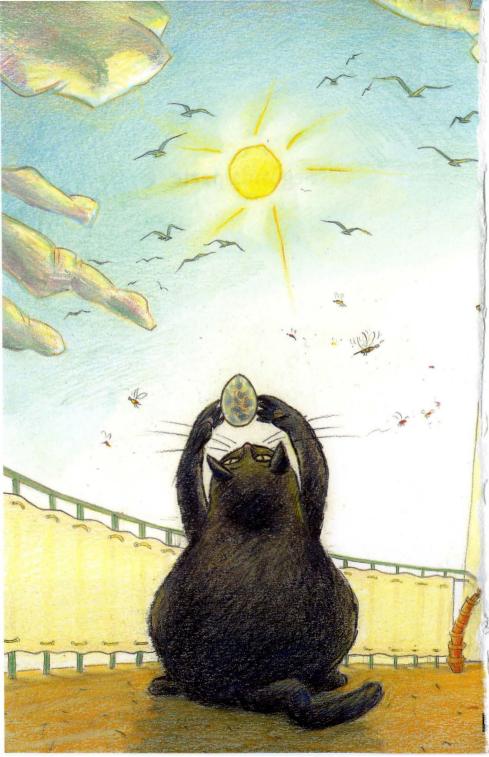
- ... promessas difíceis de cumprir - continuou, impassível, Colonello -, mas sabemos que um gato do porto cumpre sempre os seus miados. Para o ajudar a conseguir, ordeno que o companheiro Zorbas não abandone o ovo até a gaivotinha nascer e que o companheiro Sabetudo consulte a sua emplicopé... encimopé..., enfim, aqueles livros, tudo o que tiver a ver com a arte de voar. E agora digamos adeus a esta gaivota, vítima da desgraça provocada pelos humanos. Estiquemos os pescoços para a lua e miemos a canção do adeus dos gatos do porto.

Os quatro gatos começaram a miar uma triste litania ao pé do velho castanheiro, e aos seus miados bem depressa se juntaram os dos outros gatos

das vizinhanças, e depois os dos gatos da outra margem do rio, e aos miados dos gatos uniram-se os uivos dos cães, o piar lastimoso dos canários engaiolados e dos pardais nos seus ninhos, o coaxar triste das rãs, e até os desafinados guinchos do chimpanzé Matias.

As luzes de todas as casas de Hamburgo acenderam-se, e naquela noite todos os seus habitantes perguntaram a que se deveria a estranha tristeza que subitamente se havia apoderado dos animais.

Segunda parte

1

Um gato no choco

Muitos dias passou o gato grande, preto e gordo deitado junto do ovo, protegendo-o, aproximando-o de si muito suavemente com as suas patas peludas de cada vez que um movimento involuntário do corpo o afastava alguns centímetros. Foram longos e incómodos dias que às vezes se lhe afiguraram totalmente inúteis, pois via-se a cuidar de um objeto sem vida, de uma espécie de frágil pedra, embora fosse branca e com pintinhas azuis.

Ocasiões houve em que, entorpecido pela falta de movimentos, já que, segundo as ordens de Colonello, só abandonava o ovo para ir comer e visitar o caixote onde fazia as suas necessidades, sentiu a tentação de verificar se dentro daquela bolinha de cálcio crescia efetivamente um filho de gaivota.

Então aproximou uma orelha do ovo, e depois a outra, mas não conseguiu ouvir nada. Também não teve sorte quando tentou ver o interior do ovo pondo-o à contraluz. A casca branca com pintinhas azuis era grossa e não deixava transparecer absolutamente nada.

Colonello, Secretário e Sabetudo visitavam-no todas as noites e examinavam o ovo para verificar se acontecia aquilo a que Colonello chamava «progressos esperados», mas quando viam que o ovo continuava igual ao que era no primeiro dia mudavam de conversa.

Sabetudo não deixava de se lamentar de que na sua enciclopédia não estivesse indicada a duração exata da incubação: o dado mais concreto que conseguiu retirar dos seus grossos livros foi que esta podia durar entre dezassete e trinta dias, consoante as características da espécie a que pertencera a gaivota mãe.

O choco não fora fácil para o gato grande,

preto e gordo. Não se podia esquecer da manhã em que o amigo da família encarregado de tratar dele achou que no apartamento se estava a acumular poeira a mais e decidiu passar o aspirador.

Todas as manhãs, durante as visitas do amigo, Zorbas ocultara o ovo no meio de uns vasos da varanda, para poder assim dedicar uns minutos àquele bom tipo que lhe mudava a areia do caixote e lhe abria latas de comida. Miava-lhe agradecido, esfregando-lhe o corpo contra as pernas, e o humano ia-se embora repetindo-lhe que era um gato muito simpático. Mas naquela manhã, depois de o ver passar o aspirador pela sala e pelos quartos de dormir, ouviu-o dizer:

– E agora a varanda. Entre os vasos é onde se junta mais lixo.

Ao ouvir o estoiro de uma fruteira a partir-se em mil pedaços, o amigo correu para a cozinha e gritou da porta:

- Tu endoideceste, Zorbas? Olha o que fizeste! Sai já daqui, gato idiota! Só faltava que espetasses um estilhaço de vidro nas patas.

Que insulto tão imerecido! Zorbas saiu da cozinha fingindo uma grande vergonha, de rabo entre as pernas, e trotou para a varanda.

Não foi fácil fazer rolar o ovo para debaixo de uma cama, mas conseguiu-o, e ali esperou que o humano acabasse a limpeza e se fosse embora.

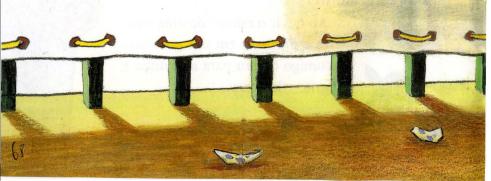
Ao entardecer do dia número vinte Zorbas dormitava, e por isso não percebeu que o ovo se movia, como se quisesse pôr-se a rolar pelo chão.

Acordou com umas cócegas na barriga. Abriu os olhos e não pôde deixar de dar um salto quando viu que, por uma greta do ovo, aparecia e desaparecia uma pontinha amarela.

Zorbas pegou no ovo com as patas da frente e viu como a avezinha dava bicadas até abrir um buraco por onde enfiou a diminuta cabeça branca e húmida.

- Mamã! - grasnou a gaivotinha.

Zorbas não foi capaz de responder. Sabia que a cor da sua pele era preta, mas achou que a emoção e o rubor que o invadiam o transformavam num gato lilás.

2

Não é fácil ser mamã

– Mamã! Mamã! – tornou a grasnar a gaivotinha, já fora do ovo. Era branca como o leite e umas penas finas, ralas e curtas cobriam-lhe parcialmente o corpo. Tentou dar uns passos e caiu junto da barriga de Zorbas.

– Mamã! Tenho fome! – grasnou, dando-lhe bicadas na pele.

Que havia de dar-lhe de comer? Sabetudo nada tinha miado a esse respeito. Sabia que as gaivotas se alimentavam de peixe, mas aonde ia ele buscar um pedaço de peixe?

Zorbas correu
para a cozinha e
regressou fazendo rolar uma maçã.

A gaivotinha endireitou-se nas suas patas cambaleantes e precipitou-se para a fruta. O biquinho amarelo tocou na casca, dobrou-se como se fosse de borracha e, ao endireitar-se novamente, catapultou a gaivotinha para trás, fazendo-a cair.

– Tenho fome! – grasnou ela colérica. – Mamã! Tenho fome!

Zorbas tentou que ela desse umas bicadas numa batata, em algumas das suas bolachinhas – com a família de férias não havia muito por onde escolher! –, e lamentou ter esvaziado o seu prato de comida antes do nascimento da gaivotinha. Tudo foi em vão. O biquinho era muito mole e dobrava-se em contacto com a batata. Então, no meio do seu desespero, lembrou-se de que a gaivotinha era um pássaro, e que os pássaros comem insetos.

Saiu para a varanda e esperou pacientemente que uma mosca se pusesse ao alcance das suas patas. Não tardou a caçar uma e entregou-a à ave faminta.

A gaivotinha pegou na mosca com o bico, apertou-a e, fechando os olhos, engoliu-a.

– Rica comida! Quero mais, mamã, quero mais! – grasnou ela entusiasmada.

Zorbas saltava de uma ponta à outra da varanda. Havia reunido cinco moscas e uma aranha quando do telhado da casa em frente lhe chegaram as vozes conhecidas dos dois gatos malvados que enfrentara dias antes.

– Olhe, compadre. O gordinho está a fazer ginástica rítmica. Com um corpo assim qualquer um é bailarino – miou um.

– Eu acho que está a praticar aeróbica. Que belo gordinho. Que gracioso. Olhem para aquele estilo. Ouve lá, bola de gordura, vais apresentar-te a um concurso de beleza? – miou o outro.

Os dois malvados riam, sentindo-se seguros do outro lado do pátio.

De boa vontade Zorbas os teria feito experimentar o fio das suas garras, mas estavam longe, de modo que voltou para junto da gaivotinha faminta com o seu espólio de insetos.

A gaivotinha devorou as cinco moscas, mas negou-se a provar a aranha. Satisfeita, soluçou e encolheu-se, toda colada ao ventre de Zorbas.

– Mamã, tenho sono – grasnou.

– Ouve, tenho muita pena mas eu não sou a tua mamã – miou Zorbas.

– Claro que és a minha mamã. E és uma mamã muito boa – replicou ela fechando os olhos.

Quando Colonello, Secretário e Sabetudo chegaram, encontraram a gaivotinha adormecida ao pé de Zorbas.

– Parabéns! É uma avezinha muito bonita. Quanto pesava ao nascer? – perguntou Sabetudo.

– Que pergunta é essa? Eu não sou a mãe deste pássaro! – disse Zorbas fazendo-se desentendido.

– É o que se pergunta sempre nestes casos. Não leves a mal. A verdade é que se trata de um passarinho muito bonito – sentenciou Colonello.

– Que terrível! Terrível! – exclamou Sabetudo levando as patas da frente à boca.

– Não te importas de nos dizer o que é que é tão terrível? – perguntou Colonello.

– A avezinha não tem nada que comer. É terrível! Terrível! – insistiu Sabetudo.

– Tens razão. Tive de lhe dar umas moscas e acho que não demorará a querer comer outra vez – reconheceu Zorbas.

– Secretário, de que está, à espera? – perguntou Colonello.

– Desculpe, senhor, mas não estou a entender – desculpou-se Secretário.

– Corra ao restaurante e regresse com uma sardinha – ordenou Colonello.

– E porquê eu, hein? Porque é que tenho de ser sempre eu o gato dos recados, hein? Molhe o rabo com benzina, vá buscar uma sardinha. Porquê sempre eu, hein? – protestou Secretário.

– Porque esta noite, meu caro senhor, vamos ter lulas à romana para o jantar. Não lhe parece uma boa razão? – disse Colonello.

– Pois o rabo ainda me fede a benzina... Disse lulas à romana...? – perguntou Secretário preparado para trepar para o telhado.

– Mamã, quem são estes? – grasnou a gaivotinha indicando os gatos.

– Mamã! Chamou-te mamã! Que terrivelmente terno! – conseguiu Sabetudo exclamar, antes de o olhar de Zorbas o aconselhar a calar a boca.

– Bom, *caro amico*, cumpriste a primeira promessa, estás a cumprir a segunda e só te resta a terceira – declarou Colonello.

– A mais fácil: ensiná-la a voar – miou Zorbas ironicamente.

– Havemos de conseguir. Estou a consultar a enciclopédia, mas o saber leva o seu tempo – garantiu Sabetudo.

– Mamã! Tenho fome! – interrompeu-os a gaivotinha.

3

O perigo espreita

As complicações começaram no segundo dia após o nascimento. Zorbas teve de atuar drasticamente para evitar que o amigo da família descobrisse tudo. Mal ouviu a porta, virou um vaso vazio por cima da gaivotinha e sentou-se em cima dele. Por sorte, o humano não foi à varanda e da cozinha não ouvia o grasnar de protesto.

O amigo, como sempre, limpou o caixote, mudou a areia, abriu uma lata de comida e, antes de partir, assomou à porta da varanda.

– Espero que não estejas doente, Zorbas. É a primeira vez que não corres quando te abro uma lata. Que estás tu a fazer sentado nesse vaso? Até parece que estás a esconder alguma coisa. Bem, até amanhã, gato maluco.

E se lhe tivesse vindo à ideia espreitar para debaixo do vaso? Só de pensar nisso sentiu uma fraqueza na barriga e teve de correr para o caixote.

Ali estava ele, de rabo todo empinado, sentindo um grande alívio e pensando nas palavras do humano. «Gato maluco». Era o que lhe tinha chamado. «Gato maluco».

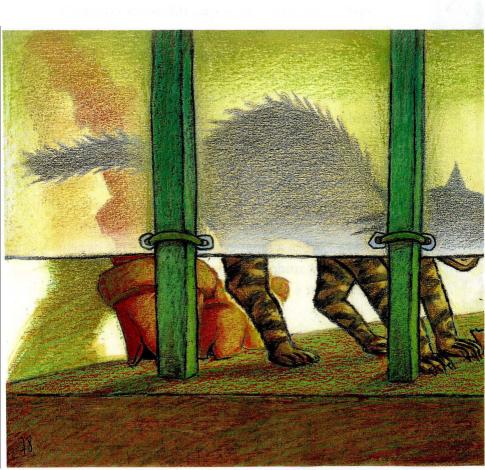
Talvez tivesse razão, porque o mais prático teria sido deixá-lo ver a gaivotinha. O amigo teria pensado então que a sua intenção era comê-la e tê-la-ia levado para cuidar dela até crescer. Mas ele tinha-a escondido debaixo de um vaso. Era um gato maluco?

Não. De maneira nenhuma. Zorbas seguia rigorosamente o código de honra dos gatos do porto. Prometera à agonizante gaivota que ensinaria a cria a voar, e assim havia de fazer. Não sabia como, mas havia de o fazer.

Estava Zorbas a tapar conscienciosamente os seus excrementos quando o grasnar assustado da gaivotinha o fez tornar à varanda.

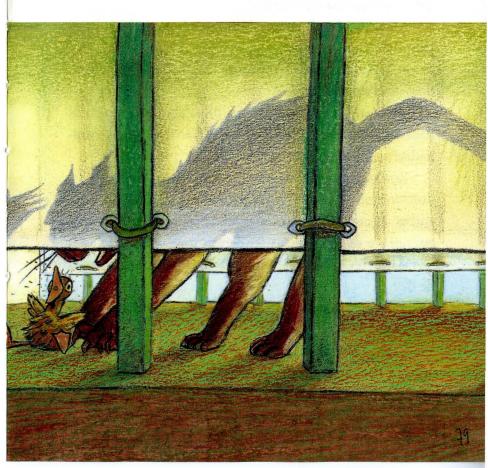
O que viu fez-lhe gelar o sangue.

Os dois gatos malvados estavam estendidos junto da gaivotinha, abanavam o rabo de excitação e um deles segurava-a com uma manápula em cima da rabadilha. Por sorte estavam de costas e não o viram chegar. Zorbas contraiu todos os músculos do corpo.

– Quem diria que encontraríamos um pequeno-almoço tão bom, compadre! É pequenino mas vê-se que é saboroso – miou um.

– Mamã! Socorro! – grasnava o passarito.

– Do que eu mais gosto nos pássaros são as asas. Este tem-nas pequenas, mas vê-se que as coxas são carnudas – apontou o outro.

Zorbas saltou. No ar tirou para fora as dez unhas das patas dianteiras e, ao cair no meio dos dois tunantes, esmagou-lhes as cabeças contra o chão.

Tentaram levantar-se, mas quando o quiseram fazer cada um tinha uma orelha rasgada por um arranhão.

- Mamã! Queriam comer-me! - grasnou a gaivotinha.

- Comer o seu filho? Não, senhora. De modo algum - miou um com a cabeça colada ao chão.

- Nós somos vegetarianos, senhora. Vegetarianos rigorosos - assegurou o outro.

- Não sou uma «senhora», seus idiotas - miou Zorbas puxando-lhes as orelhas para que pudessem vê-lo.

Eriçou-se o pelo dos dois malvados quando o reconheceram.

- Tem um filho muito bonito, amigo. Será um grande gato - assegurou o primeiro.

- Pois é, vê-se logo que é um gatinho todo bem parecido - afirmou o outro.

- Não é um gato. É uma cria de gaivota, seus estúpidos - esclareceu Zorbas.

- É o que eu estou sempre a dizer aqui ao meu compadre: é preciso ter filhos gaivotas. Não é verdade, compadre? - declarou o primeiro.

Zorbas decidiu acabar com aquela farsa, mas aqueles dois cretinos haviam de levar uma recordação das suas garras. Recolheu as patas dianteiras com um movimento enérgico e as suas garras fenderam uma orelha de cada um daqueles cobardes. Fugiram a correr com miados de dor.

- Tenho uma mamã muito valente! - grasnou a gaivotinha.

Zorbas compreendeu que a varanda não era um lugar seguro, mas também não a podia meter no apartamento

porque a avezinha sujaria tudo e acabaria por ser descoberta pelo amigo da família. Tinha de lhe procurar um refúgio seguro.

- Vem, vamos dar um passeio - miou Zorbas, e pegou-lhe delicadamente com os dentes.

4

O perigo não descansa

Reunidos no bazar de Harry, os gatos decidiram que a avezinha não podia continuar no apartamento de Zorbas. Eram muitos os riscos que corria, e o maior de todos não era a ameaçadora presença dos dois gatos malvados mas sim o amigo da família.

- Infelizmente os humanos são imprevisíveis. As suas melhores intenções causam muitas vezes os piores danos - sentenciou Colonello.

- Pois é. Pensemos, por exemplo, no Harry, que é um bom homem, um grande coração, mas que, como tem uma grande amizade pelo chimpanzé e sabe que ele gosta de cerveja, pronto, toca a dar-lhe garrafas de cada vez que o macaco tem sede. O pobre Matias é um alcoólico, perdeu a vergonha, e sempre que se embriaga dá-lhe para cantarolar umas canções terríveis. Terríveis! - miou Sabetudo.

- E que dizer do mal que causam intencionalmente? Pensem na pobre gaivota que morreu por culpa da maldita mania de envenenarem o mar com o seu lixo - acrescentou Secretário.

Depois de uma curta deliberação concordaram em que Zorbas e a gaivotinha viveriam no bazar até que ela aprendesse a voar. Zorbas iria ao seu apartamento todas as manhãs para que o humano não se alarmasse, e depois voltaria para tratar dela.

- Não seria mau que o passarito tivesse um nome - sugeriu Secretário.

- É exatamente o que eu ia propor. Receio que tirar-me os miados da boca seja superior às suas forças - queixou-se Colonello.

- Estou de acordo. Deve ter um nome, mas antes é preciso saber se é macho ou fêmea - miou Zorbas.

Ainda não havia acabado de miar e já Sabetudo tinha atirado da estante um volume da enciclopédia: era o volume vinte, correspondente à letra «S» e passava as páginas à procura da palavra «sexo».

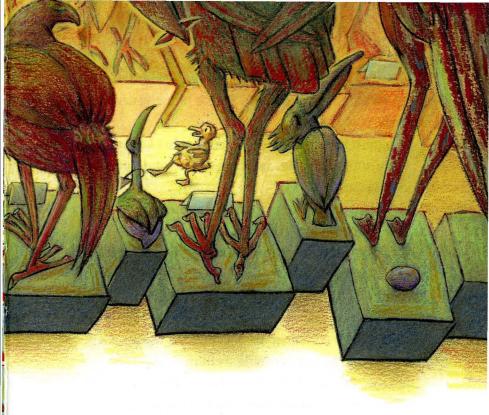
Infelizmente a enciclopédia não dizia nada sobre o modo de reconhecer o sexo de uma cria de gaivota.

- Temos de reconhecer que a tua enciclopédia não nos serviu de muito - queixou-se Zorbas.

- Não admito dúvidas sobre a eficácia da minha enciclopédia! Todo o saber está naqueles livros - respondeu Sabetudo, ofendido.

– Gaivota. Ave marinha, O Barlavento! O único que nos pode dizer se é macho ou fêmea é o Barlavento – garantiu Secretário.

– É exatamente o que eu ia miar. Proíbo-o de continuar a tirar-me os miados da boca – resmungou Colonello.

Enquanto os gatos miavam, a gaivotinha dava um passeio por entre dezenas de aves embalsamadas. Havia melros, papagaios, tucanos, pavões reais, águias, falcões, que ela contemplava atemorizada. De repente, um animal de olhos vermelhos, e que não estava embalsamado, travou-lhe o passo.

– Mamã! Socorro! – grasnou desesperadamente.

O primeiro a chegar junto dela foi Zorbas, e fê-lo a tempo, pois naquele preciso momento uma ratazana estendia as patas dianteiras para o pescoço do passarito.

Ao ver Zorbas, a ratazana fugiu para uma greta aberta numa parede.

– Queria comer-me! – grasnou a gaivotinha colando-se a Zorbas.

– Não pensámos neste perigo. Acho que é preciso miar muito a sério com as ratazanas – indicou Zorbas.

– De acordo. Mas não faças muitas concessões a essas desavergonhadas – aconselhou Colonello.

Zorbas aproximou-se da greta. Lá dentro estava muito escuro, mas conseguiu ver os olhos vermelhos da ratazana.

– Quero ver o teu chefe – miou Zorbas com decisão.

– Eu sou o chefe das ratazanas – responderam-lhe do meio da escuridão.

– Se és o chefe, então vocês valem menos que as baratas. Avisa o teu chefe – insistiu Zorbas.

Zorbas ouviu a ratazana afastar-se. As garras dela faziam ranger a canalização por onde deslizava. Passados uns minutos viu reaparecer os seus olhos vermelhos na penumbra.

– O chefe vai receber-te. Na cave dos búzios, atrás da arca de pirata, há uma entrada – chiou a ratazana.

Zorbas desceu até à cave indicada. Procurou atrás da arca e viu que na parede havia um buraco por onde podia passar. Afastou as teias de aranha e embrenhou-se no mundo das ratazanas. Cheirava a humidade e a imundície.

– Segue os canos do esgoto – chiou uma ratazana que não conseguiu ver.

Obedeceu. À medida que avançava arrastando o corpo, sentia que a pele se impregnava de pó e lixo.

Foi penetrando nas trevas até chegar a uma câmara de esgoto apenas iluminada por um débil feixe de luz natural. Zorbas achou que estava debaixo da rua e que o feixe de luz se escoava pela tampa do esgoto. O lugar era pestilento, mas era suficientemente alto para se poder levantar sobre as quatro patas. Pelo centro corria um

canal de águas imundas. Viu então o chefe das ratazanas, um grande roedor de pele escura, com o corpo cheio de cicatrizes, que se entretinha passando uma garra pelos anéis do rabo.

- Olha, olha. Vejam quem nos visita. O gato gordo - chiou o chefe das ratazanas.

- Gordo! Gordo! - gritaram em coro dúzias de ratazanas de quem Zorbas só conseguia ver os olhos vermelhos.

- Quero que deixem em paz o passarito - miou ele energicamente.

- Com que então os gatos têm um passarinho. Eu sabia. Sabem-se muitas coisas nas cloacas. Dizem que é um passarinho saboroso. Muito saboroso, Hi, hi, hi! - chiou o chefe das ratazanas.

- Muito saboroso! Hi, hi, hi! - repetiram em coro as outras ratazanas.

- Esse passarito está sob a proteção dos gatos - miou Zorbas.

- Vão comê-lo quando crescer? Sem nos convidarem? Egoístas! - acusou a ratazana.

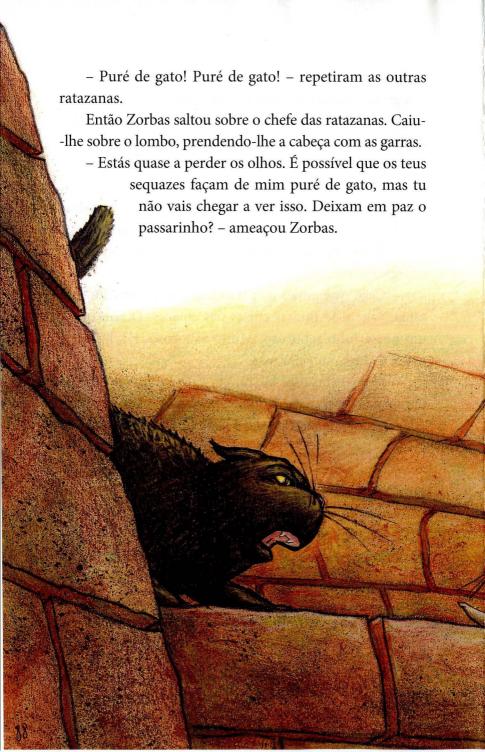
- Egoístas! Egoístas! - repetiram as outras ratazanas.

- Como bem sabes, liquidei mais ratazanas que os pelos que tenho no corpo. Se se passar alguma coisa com o passarito, têm as horas contadas - avisou Zorbas serenamente.

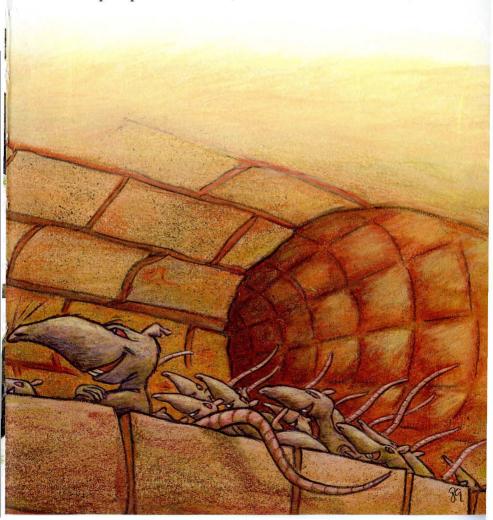
- Ouve lá, bola de sebo, já pensaste em como sair daqui? Podemos fazer contigo um bom puré de gato - ameaçou a ratazana.

– Puré de gato! Puré de gato! – repetiram as outras ratazanas.

Então Zorbas saltou sobre o chefe das ratazanas. Caiu--lhe sobre o lombo, prendendo-lhe a cabeça com as garras.

– Estás quase a perder os olhos. É possível que os teus sequazes façam de mim puré de gato, mas tu não vais chegar a ver isso. Deixam em paz o passarinho? – ameaçou Zorbas.

– Mas que maus modos tu tens. Está bem. Nem puré de gato nem puré de passarinho. Tudo se pode negociar nas cloacas – aceitou a ratazana.

– Então negociemos. Que pedes tu em troca de respeitar a vida do passarito? – perguntou Zorbas.

– Passagem livre pelo pátio. O Colonello ordenou que nos cortassem o caminho para o mercado. Passagem livre pelo pátio – chiou a ratazana.

– De acordo. Podem passar pelo pátio, mas de noite, quando os humanos não as veem. Nós, gatos, temos de zelar pelo nosso prestígio – acentuou Zorbas soltando-lhe a cabeça.

Saiu da cloaca a recuar, sem perder de vista nem o chefe das ratazanas nem os olhos vermelhos que, às dúzias, o olhavam com ódio.

5

Passarito ou passarita

Passaram-se três dias até conseguirem encontrar-se com Barlavento, que era um gato de mar, um autêntico gato de mar.

Barlavento era a mascote do *Hanes II*, uma poderosa draga encarregada de manter sempre limpo e livre de escolhos o fundo do Elba. Os tripulantes do *Hanes II* gostavam de Barlavento, um gato cor de mel com olhos azuis, e consideravam-no mais um

a cada passo balanceava o corpo
da esquerda para a direita, ignorando
a importância da sua dignidade de bilheteiro
do estabelecimento.

– Se não sabes dar os bons-dias, ao menos paga a entrada, ó saco de pulgas – grunhiu Matias.

– Um tonto a estibordo! Pelas presas da barracuda! Tu chamaste-me saco de pulgas? Para que saibas, esta pele já foi picada por todos os insetos de todos os portos. Ainda um dia te hei de miar sobre uma carraça que se encarrapitou no meu lombo e era tão pesada que não pude com ela. Pelas barbas da baleia! E hei de miar-te sobre os piolhos da ilha Cacatua, que precisam de chupar o sangue de sete homens para ficar satisfeitos à hora do aperitivo. Pelas barbatanas do tubarão! Levanta ferro, macaco, e não me cortes a brisa! – ordenou Barlavento, e continuou a andar sem esperar pela resposta do chimpanzé.

Ao chegar à sala dos livros, cumprimentou da porta os gatos ali reunidos.

– Moin! – apresentou-se Barlavento, que gostava de miar «bom-dia» no rijo e ao mesmo tempo doce dialeto de Hamburgo.

– Até que enfim que chegas, *capitano*, nem sabes quanto precisamos de ti! – cumprimentou Colonello.

Contaram-lhe rapidamente a história da gaivota e das promessas de Zorbas, promessas que, repetiram, os comprometiam a todos.

Barlavento ouviu com movimentos contristados da cabeça.

– Pela tinta da lula! Acontecem no mar coisas terríveis. Às vezes pergunto a mim mesmo se alguns humanos enlouqueceram, ao tentarem fazer do oceano uma enorme lixeira. Acabo de dragar a foz do Elba e nem podem imaginar a quantidade de imundície que as marés arrastam. Pela carapaça da tartaruga! Tirámos barris de inseticida, pneus e toneladas das malditas garrafas de plástico que os humanos deixam nas praias – declarou Barlavento, enojado.

– Terrível! Terrível! Se as coisas continuarem assim, dentro de muito pouco tempo a palavra contaminação ocupará todo o volume três, letra «C», da enciclopédia – declarou Sabetudo escandalizado.

- E que posso eu fazer por esse pobre pássaro? - perguntou Barlavento.

- Só tu, que conheces os segredos do mar, nos podes dizer se o passarito é macho ou fêmea - respondeu Colonello.

Levaram-no até junto da gaivotinha, que dormia satisfeita depois de dar conta de uma lula trazida por Secretário, que, seguindo as instruções de Colonello, se encarregava da sua alimentação.

Barlavento estendeu uma pata dianteira, examinou-lhe a cabeça e seguidamente levantou as penas que começavam a crescer-lhe na rabadilha. O passarito procurou Zorbas com olhos assustados.

- Pelas patas do caranguejo! - exclamou divertido o gato de mar. - É uma linda passarita que virá a pôr tantos ovos quantos os pelos que tenho no rabo!

Zorbas lambeu a cabeça da pequena gaivota. Lamentou não ter perguntado à mãe o nome dela, pois se a filha estava destinada a prosseguir o voo interrompido pela negligência dos humanos, seria bonito que tivesse o mesmo nome da mãe.

- Considerando que a avezinha teve a dita de ficar sob a nossa proteção - miou Colonello -, proponho que lhe chamemos Ditosa.

- Pelas guelras da pescada! É um lindo nome! - festejou Barlavento. - Lembro-me de uma linda escuna que vi no mar Báltico. Chamava-se assim, *Ditosa*, e era completamente branca.

– Tenho a certeza de que no futuro fará algo de notável, de extraordinário, e o seu nome será incluído no tomo quatro, letra «D» da enciclopédia – garantiu Secretário.

Todos estiveram de acordo com o nome proposto por Colonello. Então os cinco gatos formaram um círculo em redor da pequena gaivota, levantaram-se sobre as patas traseiras e, esticando as dianteiras até a deixarem sob um teto de garras, miaram o ritual do batismo dos gatos do porto.

– Nós te saudamos, Ditosa, amiga dos gatos!

– Ahoi! Ahoi! Ahoi! – exclamou, feliz, Barlavento.

companheiro nas duras tarefas de limpar o fundo do rio.

Nos dias de borrasca cobriam-no com um impermeável de oleado amarelo feito à medida, semelhante aos impermeáveis que eles usavam, e Barlavento passeava pela coberta com o cenho franzido dos marinheiros que desafiam o mau tempo.

O *Hanes II* limpara também os portos de Roterdão, Antuérpia e Copenhaga, e Barlavento costumava miar divertidas histórias acerca dessas viagens. Sim, era um autêntico gato de mar.

– Ahoi! – miou Barlavento quando entrou no bazar.

O chimpanzé pestanejou perplexo ao ver avançar o gato, que

6

Ditosa, na verdade ditosa

Ditosa cresceu depressa, rodeada do carinho dos gatos. Um mês depois de viver no bazar de Harry, era uma jovem e esbelta gaivota de sedosas penas cor de prata.

Quando alguns turistas visitavam o bazar, Ditosa, seguindo as instruções de Colonello, ficava muito quieta entre as aves embalsamadas simulando ser uma delas. Mas à tarde, quando o bazar fechava e o velho lobo do mar se

retirava, deambulava
com o seu passo bamboleante
de ave marinha por todas as salas,
maravilhando-se diante dos milhares de
objetos que por lá havia, enquanto Sabetudo consultava e tornava a consultar livros à procura de um método para Zorbas a ensinar a voar.

– Voar consiste em empurrar o ar para trás e para baixo. Claro! Já temos alguma coisa importante – murmurava Sabetudo de nariz enfiado nos livros.

– E porque é que hei de voar? – grasnava Ditosa com as asas muito coladas ao corpo.

– Porque és uma gaivota e as gaivotas voam – respondia Sabetudo. – Parece-me terrível, terrível!, não saberes.

– Mas eu não quero voar. Também não quero ser gaivota – discutia Ditosa. – Quero ser gato, e os gatos não voam.

Uma tarde aproximou-se da entrada do bazar e teve um desagradável encontro com o chimpanzé.

– Nada de fazer caca por aí, ó passaroco! – guinchou Matias.

- Por que me diz isso, senhor macaco? - perguntou com timidez.

- É a única coisa que os pássaros fazem. Caca. E tu és um pássaro - repetiu o chimpanzé cheio de segurança.

- Pois engana-se. Sou um gato muito limpo - respondeu Ditosa procurando a simpatia do símio.
- Ocupo o mesmo caixote do Sabetudo.

- Pois, pois! O que acontece é que essa pandilha de sacos de pulgas te convenceram de que és um deles. Olha para o teu corpo: tens duas patas e os gatos têm quatro. Tens penas e os gatos têm pelo. E o rabo? Hein? Onde tens tu o rabo? Estás tão maluca como aquele gato que passa a vida a ler e a murmurar terrível!, terrível! Passaroco idiota! E queres saber porque é que os teus amigos te dão mimo? Porque estão à espera de que engordes para fazer de ti um grande banquete. Vão comer-te com penas e tudo! - guinchou o chimpanzé.

Nessa tarde os gatos estranharam que a gaivota não viesse a correr comer o seu prato favorito: as lulas que Secretário escamoteava da cozinha do restaurante.

Procuraram-na muito preocupados, e foi Zorbas que a encontrou, encolhida e triste no meio dos animais empalhados.

– Não tens fome, Ditosa? Há lulas – informou Zorbas.

A gaivota não abriu o bico.

– Sentes-te mal? – insistiu Zorbas preocupado. – Estás doente?

- Queres que eu coma para engordar? - perguntou ela sem olhar para ele.

- Para cresceres saudável e forte.

- E quando estiver gorda, convidarás as ratazanas para me virem comer? - grasnou ela de olhos cheios de lágrimas.

- Aonde vais tu buscar essas palermices? - miou Zorbas energicamente.

Fazendo trejeitos de choro, Ditosa contou-lhe tudo o que Matias lhe havia guinchado. Zorbas lambeu-lhe as lágrimas e de repente deu consigo a miar como nunca fizera:

- Tu és uma gaivota. Nisso o chimpanzé tem razão, mas só nisso. Todos gostamos de ti, Ditosa. E gostamos de ti porque és uma gaivota, uma linda gaivota. Não te contradissemos quando te ouvimos grasnar que és um gato, porque nos lisonjeia que queiras ser como nós; mas és diferente, e gostamos de que sejas diferente. Não pudemos ajudar a tua mãe, mas a ti sim. Protegemos-te desde que saíste da casca. Demos-te todo o nosso carinho sem nunca pensarmos em fazer de ti um gato. Queremos-te gaivota. Sentimos que também gostas de nós, que somos teus amigos, a tua família, e é bom que saibas que contigo aprendemos uma coisa que nos enche de orgulho: aprendemos a apreciar, a respeitar e a gostar de um ser diferente. É muito fácil aceitar e gostar dos que são iguais a nós, mas fazê-lo com alguém diferente é muito difícil, e tu ajudaste-nos a consegui-lo. És uma

gaivota e tens de seguir o teu destino de gaivota. Tens de voar. Quando o conseguires, Ditosa, garanto-te que serás feliz, e então os teus sentimentos para connosco e os nossos para contigo serão mais intensos e belos, porque será a amizade entre seres totalmente diferentes.

– Tenho medo de voar – grasnou Ditosa endireitando-se.

– Quando isso acontecer eu estarei contigo – miou Zorbas lambendo-lhe a cabeça. – Prometi isso à tua mãe.

A jovem gaivota e o gato grande, preto e gordo começaram a andar. Ele lambia-lhe a cabeça com ternura e ela cobriu-lhe o dorso com uma das suas asas estendida.

7

Aprendendo a voar

- Antes de começarmos, vamos rever pela última vez os aspetos técnicos - miou Sabetudo.

Do alto de uma estante, Colonello, Secretário, Zorbas e Barlavento observavam atentamente o que acontecia lá em baixo. Estavam lá Ditosa, de pé numa extremidade de um corredor a que tinham posto o nome de pista de descolagem, e Sabetudo na outra extremidade, inclinado sobre o volume doze, letra «L», da enciclopédia. O volume estava aberto numa das páginas dedicadas a Leonardo da Vinci e via-se nelas um curioso artefacto que o grande mestre italiano batizara de «máquina de voar».

– Por favor, vamos verificar primeiro a estabilidade dos pontos de apoio A e B – indicou Sabetudo.

– Verificando pontos de apoio A e B – repetiu Ditosa saltando primeiro sobre a pata esquerda e depois sobre a direita.

– Perfeito. Agora vamos verificar a extensão dos pontos C e D – miou Sabetudo, que se sentia tão importante como um engenheiro da NASA.

– Verificando extensão dos pontos C e D – obedeceu Ditosa estendendo as duas asas.

– Perfeito! – declarou Sabetudo. – Vamos repetir tudo mais uma vez.

– Pelos bigodes do rodovalho! Deixa-a voar de uma vez! – exclamou Barlavento.

– Lembro-lhe que sou eu o responsável técnico do voo! – respondeu Sabetudo. – Tudo tem de estar convenientemente garantido, pois de contrário as consequências podem ser terríveis para a Ditosa. Terríveis!

- Tem razão. Ele sabe o que está a fazer - opinou Secretário.

- É exatamente o que eu ia a miar - respingou Colonello. - Alguma vez deixará você de me tirar os miados da boca?

Ditosa estava ali prestes a tentar o seu primeiro voo, porque na última semana tinham ocorrido dois factos que fizeram com que os gatos compreendessem que a gaivota desejava voar, embora ocultasse muito bem o seu desejo.

O primeiro aconteceu certa tarde em que Ditosa acompanhou os gatos a apanhar sol no telhado do bazar de Harry. Já tinham desfrutado dos raios de sol durante uma hora quando viram três gaivotas voando lá em cima, muito lá no alto.

Eram belas de ver, majestosas, recortadas contra o azul do céu. Havia momentos em que pareciam paralisar-se, flutuar simplesmente no ar de asas estendidas, mas bastava um leve movimento para se deslocarem com uma graciosidade e uma elegância que faziam inveja, e apetecia estar com elas lá em cima. De repente os gatos deixaram de olhar para o céu e poisaram os olhos em

Ditosa. A jovem gaivota observava o voo das suas congéneres e, sem se dar conta, estendia as asas.

– Olhem para aquilo. Quer voar – comentou Colonello.

– Sim, já é tempo de voar – aprovou Zorbas. – Já é uma gaivota grande e forte.

– Ditosa, voa! Tenta! – animou-a Secretário.

Ao ouvir os miados dos seus amigos, Ditosa dobrou as asas e aproximou-se deles. Deitou-se ao pé de Zorbas e começou a fazer um ruído com o bico fingindo ronronar.

O segundo facto deu-se no dia seguinte, quando os gatos estavam a ouvir uma história de Barlavento.

– ... e, como lhes ia miando, as ondas eram tão altas que não podíamos ver a costa e, pela gordura do cachalote!, para cúmulo dos males tínhamos a bússola avariada. Havia cinco dias e cinco noites que estávamos no meio do temporal, sem saber se navegávamos para o litoral ou se estávamos a entrar pelo mar adentro. Então, quando já nos sentíamos perdidos, o timoneiro viu o bando de gaivotas. Que alegria, companheiros!

Virámos de proa seguindo o voo das gaivotas e conseguimos chegar a terra firme. Pelas presas da barracuda! Aquelas gaivotas salvaram-nos a vida. Se não as tivéssemos visto, eu não estaria aqui a miar-lhes a história.

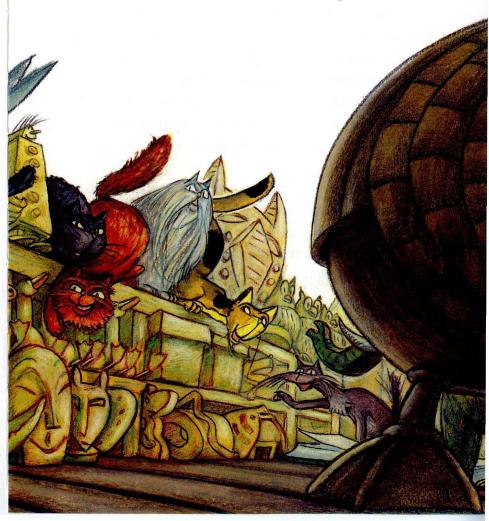
Ditosa, que seguia sempre com muita atenção as histórias do gato de mar, escutava-o de olhos muito abertos.

– As gaivotas voam em dia de tempestade? – perguntou ela.

– Pelas descargas das enguias! As gaivotas são as aves mais fortes do universo – assegurou Barlavento. – Não há pássaro que saiba voar melhor do que uma gaivota.

Os miados do gato de mar penetravam fundo no coração de Ditosa. Batia no chão com as patas e movia o bico nervosamente.

– Queres voar, menina? – inquiriu Zorbas.

Ditosa olhou-os um a um antes de responder.

– Quero! Por favor, ensinem-me a voar!

Os gatos miaram a sua alegria e meteram logo patas à obra. Haviam esperado longamente por aquele momento. Com toda a paciência que caracteriza os gatos, tinham esperado que a jovem gaivota lhes comunicasse os seus desejos de voar, porque uma ancestral sabedoria os levava a compreender que voar é uma decisão muito pessoal. E o mais feliz de todos era Sabetudo, que já tinha encontrado os fundamentos do voo no volume doze, letra «L», da enciclopédia, e por isso se encarregaria de dirigir as operações.

– Pronta para a descolagem! – ditou Sabetudo.

– Pronta para a descolagem! – anunciou Ditosa.

– Comece o percurso pela pista empurrando para trás o chão com os pontos de apoio A e B – ordenou Sabetudo.

Ditosa começou a avançar, mas lentamente, como se patinasse sobre rodas mal oleadas.

– Mais velocidade! – exigiu Sabetudo.

A jovem gaivota avançou um pouco mais veloz.

– Agora estenda os pontos C e D! – ensinou Sabetudo.

Ditosa estendeu as asas e continuou a avançar.

– Agora levante o ponto E! – ordenou Sabetudo.

Ditosa levantou as penas da rabadilha.

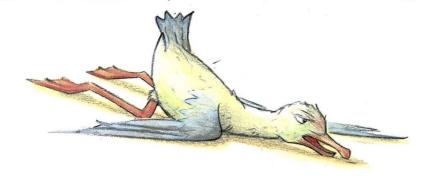
– E agora mova de cima para baixo os pontos C e D para empurrar o ar para baixo e simultaneamente encolha os pontos A e B! – ensinou Sabetudo.

Ditosa bateu as asas, encolheu as patas, ergueu-se uns palmos no ar, mas caiu logo como um fardo.

De um salto, os gatos desceram da estante e correram para ela. Estava com os olhos cheios de lágrimas.

– Sou uma inútil! Sou uma inútil! – repetia ela, desconsolada.

– Nunca se voa à primeira tentativa, mas vais conseguir. Prometo-te – miou Zorbas lambendo-lhe a cabeça.

Sabetudo tentava encontrar o erro, revendo uma e outra vez a máquina de voar de Leonardo.

8

Os gatos decidem quebrar o tabu

Dezassete vezes tentou Ditosa levantar voo, e dezassete vezes acabou no chão depois de ter conseguido elevar-se uns poucos centímetros.

Sabetudo, mais magro que de costume, arrancara os pelos do bigode depois dos doze primeiros fracassos, e com miados trementes tentava desculpar-se:

– Não entendo. Revi conscienciosamente a teoria do voo, comparei as instruções de Leonardo com tudo o que se diz na parte dedicada à aerodinâmica, volume primeiro, letra «A» da enciclopédia, e no entanto não conseguimos. É terrível! Terrível!

Os gatos aceitavam as suas explicações, e toda a sua atenção se centrava em Ditosa, que depois de cada tentativa falhada ia ficando mais triste e melancólica.

Depois do último fracasso, Colonello decidiu suspender as tentativas, pois a sua experiência dizia-lhe que a gaivota começava a perder a confiança em si mesma, e isso era muito perigoso se de verdade queria voar.

- Talvez não o possa fazer - opinou Secretário. - Se calhar viveu tempo de mais connosco e perdeu a capacidade de voar.

- Seguindo as instruções técnicas e respeitando as leis da aerodinâmica, é possível voar. Não se esqueçam de que está tudo na enciclopédia - apontou Sabetudo.

- Pelo rabo da raia! - exclamou Barlavento. - Ela é uma gaivota e as gaivotas voam!

- Tem de voar. Prometi-o à mãe e a ela. Tem de voar - repetiu Zorbas.

- E o cumprimento dessa promessa obriga-nos a nós todos - recordou Colonello.

- Reconheçamos que somos incapazes de a ensinar a voar e que temos de procurar auxílio para além do mundo dos gatos - sugeriu Zorbas.

- Mia claramente, *caro amico*. Aonde é que queres chegar? - perguntou Colonello, sério.

- Peço autorização para quebrar o tabu pela primeira e última vez na minha vida - solicitou Zorbas fitando os seus companheiros nos olhos.

- Quebrar o tabu! - miaram os gatos pondo as garras de fora e eriçando os lombos.

Miar a língua dos humanos é tabu. Assim rezava a lei dos gatos, e não porque eles não tivessem interesse em comunicar com os humanos. O grande risco estava na resposta que os humanos dariam. Que fariam com um gato falante? Com toda a certeza iriam encerrá-lo numa jaula para o submeterem a toda a espécie de provas estúpidas, porque os humanos são geralmente incapazes de aceitar que um ser diferente deles os entenda e trate de se dar a entender. Os gatos conheciam, por exemplo, a

triste sorte dos golfinhos, que se tinham comportado de uma maneira inteligente com os humanos e estes tinham-nos condenado a fazer de palhaços em espetáculos aquáticos. E sabiam também das humilhações a que os humanos sujeitam qualquer animal que se mostre inteligente e recetivo com eles. Por exemplo, os leões, os grandes felinos obrigados a viver entre grades à espera de que um cretino lhes meta a cabeça entre as mandíbulas; ou os papagaios, encerrados em gaiolas a repetir parvoíces. De tal modo que miar na linguagem dos humanos era um risco muito grande para os gatos.

– Fica aqui junto da Ditosa. Nós retiramo-nos para debater a tua petição – ordenou Colonello.

Longas horas durou a reunião dos gatos à porta fechada. Longas horas durante as quais Zorbas se deixou ficar deitado junto da gaivota, que não escondia a tristeza por não saber voar.

Era já noite quando terminaram. Zorbas aproximou-se deles para conhecer a decisão.

– Nós, gatos do porto, autorizamos-te a quebrar o tabu só desta vez. Miarás apenas com um humano, mas antes decidiremos entre todos com qual deles – declarou Colonello solenemente.

9
A escolha do humano

Não foi fácil decidir com que humano Zorbas iria miar. Os gatos fizeram uma lista de todos os que conheciam, e foram-nos eliminando um a um.

– O René, o chefe de cozinha, é sem dúvida um humano justo e bondoso. Reserva-nos sempre uma porção das suas especialidades, que Secretário e eu devoramos com prazer. Mas o bom do René só entende de temperos e de tachos, e não nos seria de grande ajuda neste caso – afirmou Colonello.

– O Harry também é boa pessoa. Compreensivo e amável com toda a gente, inclusive com o Matias, a quem desculpa tropelias terríveis, terríveis!, como tomar banho em patchuli, esse perfume que tem um cheiro terrível, terrível! Além disso, Harry sabe muito de mar e de

navegação, mas de voo acho que não faz a menor ideia - comentou Sabetudo.

- O Carlo, o chefe dos empregados do restaurante, garante que eu lhe pertenço e eu deixo-o acreditar nisso porque é bom tipo. Ele entende de futebol, de basquetebol, de voleibol, de corridas de cavalos, de boxe e de muitos mais desportos, mas, lamentavelmente, nunca o ouvi falar de voo - informou Secretário.

- Pelos caracóis da anémona! O meu capitão é um humano encantador, tanto que na sua última briga num bar de Antuérpia enfrentou doze tipos que o ofenderam e só deixou metade fora de combate. Além disso, sente vertigens até quando sobe para cima de uma cadeira. Pelos tentáculos do polvo! Não acho que nos sirva - decidiu Barlavento.

- O garoto lá da minha casa entendia-me. Mas está de férias, e que é que um garoto pode saber de voar? - miou Zorbas.

- *Porca miseria!*, acabou-se-nos a lista - resmungou Colonello.

- Não. Há um humano que não está na lista apontou Zorbas. - O que vive com a Bubulina.

Bubulina era uma bonita gata branca e preta que passava longas horas entre os vasos de flores de um terraço. Todos os gatos do porto passavam lentamente à frente dela, ostentando a elasticidade dos seus corpos, o brilho das suas pelagens esmeradamente asseadas, o comprimento dos seus bigodes, o garbo dos seus rabos

empinados, com a intenção de a impressionar, mas Bubulina mostrava-se indiferente e apenas aceitava os carinhos de um humano que se instalava no terraço diante de uma máquina de escrever.

Era um humano esquisito, que às vezes se ria depois de ler o que acabava de escrever, e outras vezes amachucava as folhas sem as ler. O seu terraço estava sempre envolvido numa música suave e melancólica que adormecia Bubulina e provocava profundos suspiros nos gatos que por ali passavam.

- O humano da Bubulina? Porquê ele? - quis saber Colonello.

- Não sei. Esse humano inspira-me confiança - reconheceu Zorbas. - Ouvi-o ler o que escreve. São palavras belas que alegram ou entristecem, mas que produzem sempre prazer e suscitam o desejo de continuar a ouvir.

– Um poeta! O que aquele humano faz chama-se poesia. Volume dezassete, letra «P», da enciclopédia – garantiu Sabetudo.

– E o que te leva a pensar que esse humano sabe voar? – quis saber Secretário.

– Talvez não saiba voar com asas de pássaro, mas ao ouvi-lo sempre pensei que voa com as palavras – respondeu Zorbas.

– Os que estiverem de acordo com que Zorbas mie com o humano da Bubulina levantem a pata direita – ordenou Colonello.

E foi assim que o autorizaram a miar com o poeta.

10

Uma gata, um gato e um poeta

Zorbas fez o caminho pelos telhados até chegar ao terraço do humano escolhido. Ao ver Bubulina recostada entre os vasos suspirou antes de miar.

- Bubulina, não te assustes. Estou aqui em cima.

- Que queres? Quem és tu? - perguntou a gata, alarmada.

- Não te vás embora, por favor. Chamo-me Zorbas e vivo aqui perto. Preciso da tua ajuda. Posso descer?

A gata fez-lhe um gesto com a cabeça. Zorbas saltou para o terraço e sentou-se nas patas traseiras. Bubulina aproximou-se a cheirá-lo.

– Cheiras a livro, a humidade, a roupa velha, a pássaro, a pó, mas tens o pelo limpo – aprovou a gata.

– São os odores do bazar de Harry. Não estranhes se cheirar também a chimpanzé – avisou-a Zorbas.

Chegava até ao terraço uma música suave.

– Que bonita música – comentou Zorbas.

– Vivaldi. *As Quatro Estações*. Que queres tu de mim? – quis saber Bubulina.

– Que me convides a entrar e me apresentes ao teu humano – respondeu Zorbas.

– Impossível. Está a trabalhar e ninguém, nem sequer eu, o pode importunar – respondeu a gata.

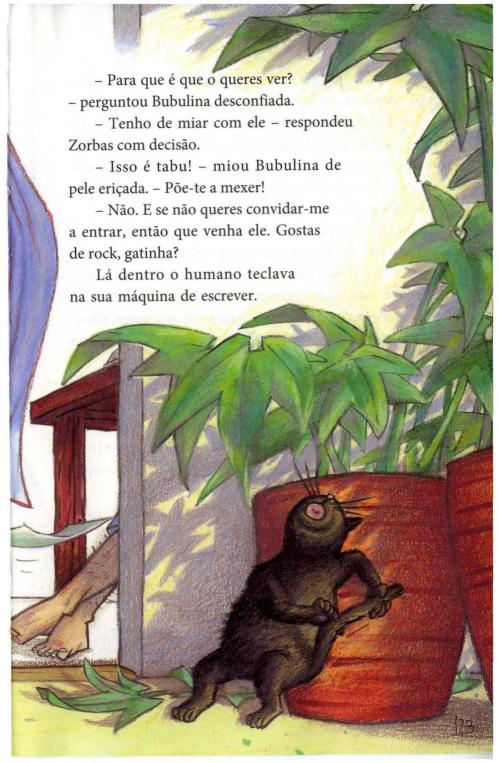
– Por favor, olha que é uma coisa muito urgente. Peço-to em nome de todos os gatos do porto – implorou Zorbas.

– Para que é que o queres ver? – perguntou Bubulina desconfiada.

– Tenho de miar com ele – respondeu Zorbas com decisão.

– Isso é tabu! – miou Bubulina de pele eriçada. – Põe-te a mexer!

– Não. E se não queres convidar-me a entrar, então que venha ele. Gostas de rock, gatinha?

Lá dentro o humano teclava na sua máquina de escrever.

Sentia-se feliz porque estava quase a terminar um poema e os versos saíam-lhe com uma fluidez assombrosa. De repente chegaram-lhe do terraço os miados de um gato que não era a sua Bubulina. Eram umas miadelas destemperadas e que no entanto pareciam ter um certo ritmo. Entre incomodado e intrigado, saiu para o terraço e teve que esfregar os olhos para acreditar no que via.

Bubulina tapava as orelhas com as duas patas dianteiras sobre a cabeça e, em frente dela, um gato grande, preto e gordo, sentado na base do espinhaço e de costas apoiadas num vaso, segurava o rabo com uma pata dianteira como se fosse um contrabaixo e, com a outra, simulava roçar as suas cordas enquanto soltava enervantes miados.

Recomposto da surpresa não foi capaz de reprimir o riso e, quando se dobrou apertando a barriga de tanto rir, Zorbas aproveitou para se introduzir no interior da casa.

Quando o humano, ainda morto de riso, se virou, deu com o gato grande, preto e gordo sentado num cadeirão.

– Basta de concerto! És um sedutor muito original, mas receio que a Bubulina não goste da tua música. Um concerto ruim! – disse o humano.

– Sei que canto muito mal. Ninguém é perfeito – respondeu Zorbas na linguagem dos humanos.

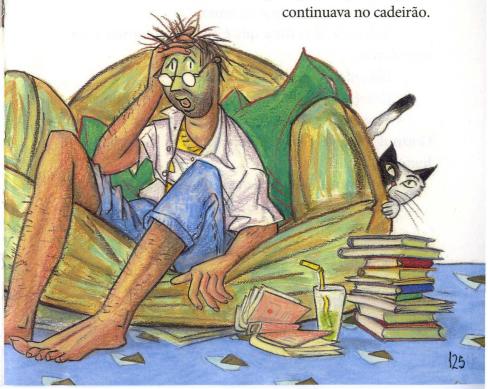
O humano abriu a boca, deu uma palmada na cara e encostou as costas a uma parede.

– Tu fa... fa... falas – exclamou o humano.

– Também tu falas e eu não estranho. Por favor, acalma-te – aconselhou-lhe Zorbas.

– Um... um ga... gato... que fala – disse o humano deixando-se cair no sofá.

– Não falo, mio, mas na tua língua. Sei miar em muitas línguas – esclareceu Zorbas.

O humano levou as mãos à cabeça e tapou os olhos, enquanto repetia «é do cansaço, é do cansaço». Ao retirar as mãos, o gato grande, preto e gordo continuava no cadeirão.

– São alucinações. Não é verdade que és uma alucinação? – perguntou o humano.

– Não, sou um gato de verdade que está a miar contigo – garantiu-lhe Zorbas. – Entre muitos humanos, nós, os gatos do porto, escolhemos-te a ti para te confiarmos um grande problema, e para nos ajudares. Não estás louco. Eu sou real.

– E dizes tu que mias em muitas línguas? – perguntou, incrédulo, o humano.

– Suponho que queres uma prova. Vamos a isso – propôs Zorbas.

– *Buon giorno* – disse o humano.

– É de tarde. Era melhor dizer *buona sera* – corrigiu Zorbas.

– *Kalimera* – insistiu o humano.

– *Kalispera*, já te disse que é de tarde – tornou a corrigir Zorbas.

– *Doberdan!* – gritou o humano.

– *Dobreutra*, agora acreditas? – perguntou Zorbas.

– Acredito. E se tudo isto é um sonho, que me importa? Gosto dele e quero continuar a sonhá-lo – respondeu o humano.

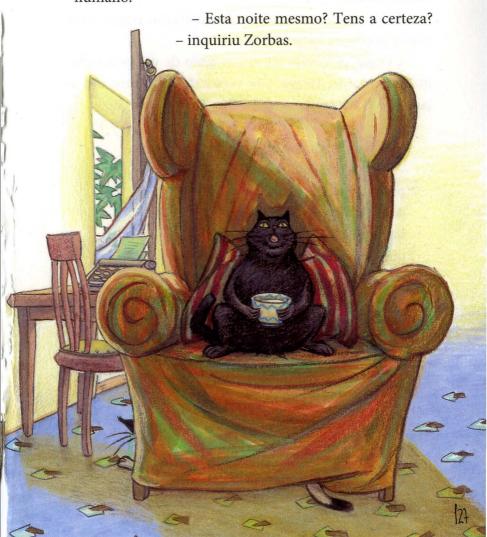
– Então posso ir ao que interessa – propôs Zorbas.

O humano concordou, mas pediu-lhe que respeitasse o ritual da conversa dos humanos. Serviu ao gato um prato de leite, e ele acomodou-se no sofá com um copo de conhaque nas mãos.

– Mia, gato – disse o humano, e Zorbas contou-lhe a história da gaivota, do ovo, de Ditosa e dos infrutíferos esforços dos gatos para a ensinarem a voar.

– Podes ajudar-nos? – quis saber Zorbas quando terminou o seu relato.

– Acho que sim. E esta noite mesmo – respondeu o humano.

– Esta noite mesmo? Tens a certeza? – inquiriu Zorbas.

- Olha pela janela, gato. Olha para o céu. Que vês? - convidou o humano.

- Nuvens. Nuvens negras. Aproxima-se uma borrasca e não tardará a chover - observou Zorbas.

- Pois por isso mesmo - disse o humano.

- Não te entendo. Lamento, mas não te entendo - aceitou Zorbas.

Então o humano foi até à secretária, pegou num livro e procurou entre as páginas.

- Ouve, gato: vou ler-te um texto de um poeta chamado Bernardo Atxaga. Uns versos de um poema intitulado «As Gaivotas».

Mas o seu pequeno coração
- que é o dos equilibristas -
por nada suspira tanto
como por essa chuva tonta
que quase sempre traz vento,
que quase sempre traz sol.

- Entendo. Tinha a certeza de que podias ajudar-nos - miou Zorbas saltando do cadeirão.

Combinaram reunir-se à meia-noite diante da porta do bazar, e o gato grande, preto e gordo correu a informar os companheiros.

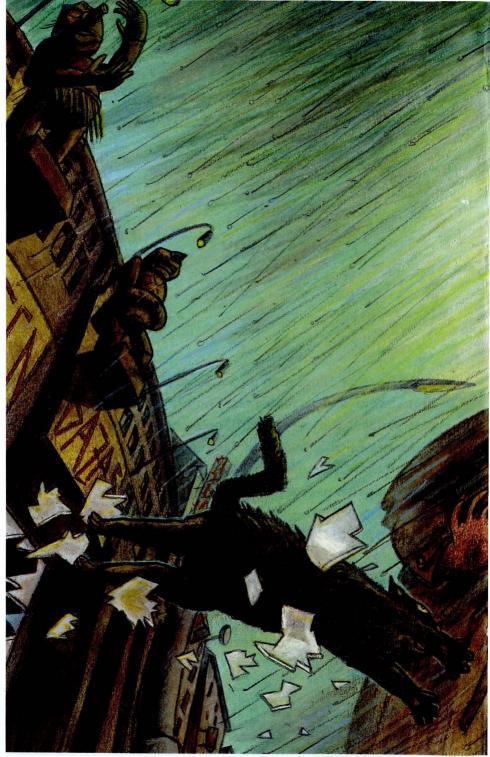
11

O voo

Caía sobre Hamburgo uma espessa chuva e dos jardins elevava-se o aroma da terra húmida. O asfalto das ruas brilhava e os anúncios fluorescentes refletiam-se disformes no chão molhado. Um homem embrulhado numa gabardina caminhava por uma rua solitária do porto dirigindo os seus passos para o bazar de Harry.

– Nem pensar! – guinchou o chimpanzé. – Ainda que me cravem cinquenta garras no cu, não lhes abro a porta!

– Mas olha que ninguém tem a intenção de te fazer mal. Estamos a pedir-te um favor, e é tudo – miou Zorbas.

– O horário de abertura é das nove da manhã às seis da tarde. É o regulamento e tem de ser respeitado – guinchou Matias.

– Pelos bigodes da morsa! Então não podes ser amável uma vez na vida, macaco? – miou Barlavento.

– Por favor, senhor macaco – grasnou Ditosa suplicante.

– Impossível! O regulamento proíbe-me de estender a mão e de correr o ferrolho que vocês, por não terem dedos, seus sacos de pulgas, não podem abrir – guinchou Matias com velhacaria.

– És um macaco terrível, terrível! – miou Sabetudo.

– Está um humano lá fora a olhar para o relógio – miou Secretário, que espreitava por uma janela.

– É o poeta! Não há tempo a perder! – miou Zorbas correndo a toda a velocidade para a janela.

Os sinos da igreja de São Miguel começaram a tanger as doze badaladas da meia-noite e um ruído de vidros partidos sobressaltou o humano. O gato grande, preto e gordo caiu na rua no meio de uma chuva de estilhaços, mas pôs-se de pé sem se preocupar com as feridas na cabeça e saltou outra vez para a janela por onde havia saído.

O humano aproximou-se no preciso momento em que uma gaivota era levantada por vários gatos até ao peitoril. Atrás dos gatos, um chimpanzé punha as mãos na cara tentando tapar os olhos, os ouvidos e a boca ao mesmo tempo.

- Pega nela! Cuidado, para não se ferir nos vidros - miou Zorbas.

- Venham cá os dois - disse o humano tomando-os nos braços.

O humano afastou-se pressurosamente da janela do bazar. Debaixo da gabardina levava um gato grande, preto e gordo e uma gaivota de penas cor de prata.

- Canalhas! Bandidos! Hão de pagar por isto! - guinchou o chimpanzé.

- Foi o que estavas a pedir. E sabes o que o Harry vai pensar amanhã de manhã? Que foste tu que partiste o vidro - miou Secretário.

- Caramba, desta vez você consegue tirar-me os miados da boca - miou Colonello.

- Pela dentuça da moreia! Vamos para o telhado! Vamos ver a nossa Ditosa voar! - miou Barlavento.

O gato grande, preto e gordo e a gaivota iam muito comodamente debaixo da gabardina, sentindo o calor do corpo do humano, que caminhava com passos rápidos e seguros. Sentiam bater os seus três corações a ritmos diferentes, mas com a mesma intensidade.

- Gato, tu feriste-te? - perguntou o humano ao ver umas manchas de sangue nas bandas da gabardina.

– Não tem importância. Aonde vamos? – perguntou Zorbas.

– Tu entendes o humano? – grasnou Ditosa.

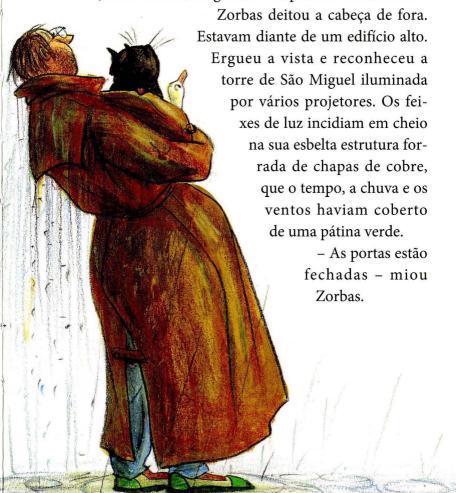
– Entendo. E ele é uma pessoa boa que te vai ajudar a voar – garantiu-lhe Zorbas.

– Entendes a gaivota? – perguntou o humano.

– Diz-me aonde vamos – insistiu Zorbas.

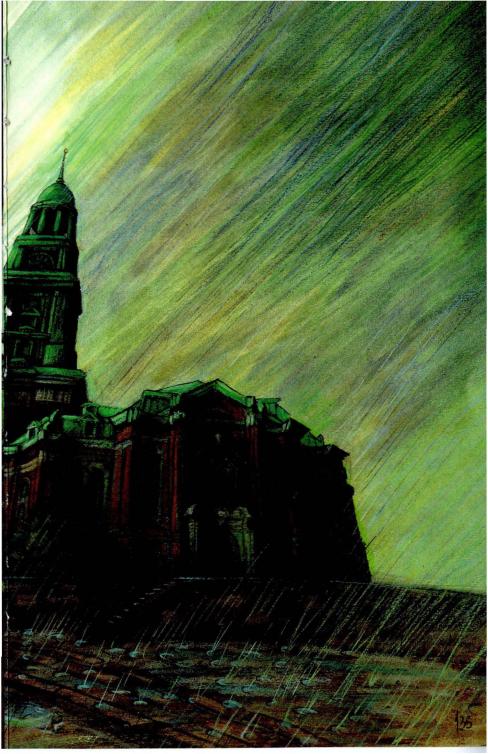
– Já não vamos, chegámos – respondeu o humano.

Zorbas deitou a cabeça de fora. Estavam diante de um edifício alto. Ergueu a vista e reconheceu a torre de São Miguel iluminada por vários projetores. Os feixes de luz incidiam em cheio na sua esbelta estrutura forrada de chapas de cobre, que o tempo, a chuva e os ventos haviam coberto de uma pátina verde.

– As portas estão fechadas – miou Zorbas.

- Nem todas - disse o humano. - Costumo vir até aqui fumar e pensar em solidão nas noites de tempestade. Conheço uma entrada para nós.

Deram uma volta e entraram por uma pequena porta lateral que o humano abriu com a ajuda de uma navalha. De um bolso tirou uma lanterna e, iluminados pelo seu delgado raio de luz, começaram a subir uma escada de caracol que parecia interminável.

- Tenho medo - grasnou Ditosa.

- Mas queres voar, não queres? - miou Zorbas.

Do campanário de São Miguel via-se toda a cidade. A chuva envolvia a torre da televisão e, no porto, as gruas pareciam animais em repouso.

– Olha, ali vê-se o bazar do Harry. Estão ali os nossos amigos – miou Zorbas.

– Tenho medo! Mamã! – grasnou Ditosa.

Zorbas saltou para o varandim que protegia o campanário. Lá em baixo os automóveis moviam-se como insetos de olhos brilhantes. O humano colocou a gaivota nas mãos.

– Não! Tenho medo! Zorbas! Zorbas! – grasnou ela dando bicadas nas mãos do humano.

– Espera! Deixa-a no varandim – miou Zorbas.

– Não estava a pensar atirá-la – disse o humano.

– Vais voar, Ditosa. Respira. Sente a chuva. É água. Na tua vida terás muitos motivos para ser feliz, um deles chama-se água, outro chama-se vento, outro chama-se sol e chega sempre como recompensa depois da chuva. Sente a chuva. Abre as asas – miou Zorbas.

A gaivota estendeu as asas. Os projetores banhavam-na de luz e a chuva salpicava-lhe as penas de pérolas. O humano e o gato viram-na erguer a cabeça de olhos fechados.

– A chuva, a água. Gosto! – grasnou.

– Vais voar – miou Zorbas.

– Gosto de ti. És um gato muito bom – grasnou ela aproximando-se da beira do varandim.

– Vais voar. Todo o céu será teu – miou Zorbas.

- Nunca te esquecerei. Nem aos outros gatos - grasnou já com metade das patas de fora do varandim, porque, como diziam os versos de Atxaga, o seu pequeno coração era o dos equilibristas.

- Voa! - miou Zorbas estendendo uma pata e tocando-lhe ao de leve.

Ditosa desapareceu da sua vista, e o humano e o gato temeram o pior. Caíra como uma pedra. Com a respiração em suspenso assomaram as cabeças por cima do varandim, e viram-na então, batendo as asas, sobrevoando o parque de estacionamento, e depois seguiram-lhe o voo até às alturas, até mais além do cata-vento de ouro que coroava a singular beleza de São Miguel.

Ditosa voava solitária na noite de Hamburgo. Afastava-se batendo as asas energicamente até se elevar sobre as gruas do porto, sobre os mastros dos barcos, e depois regressava planando, rodando uma e outra vez em torno do campanário da igreja.

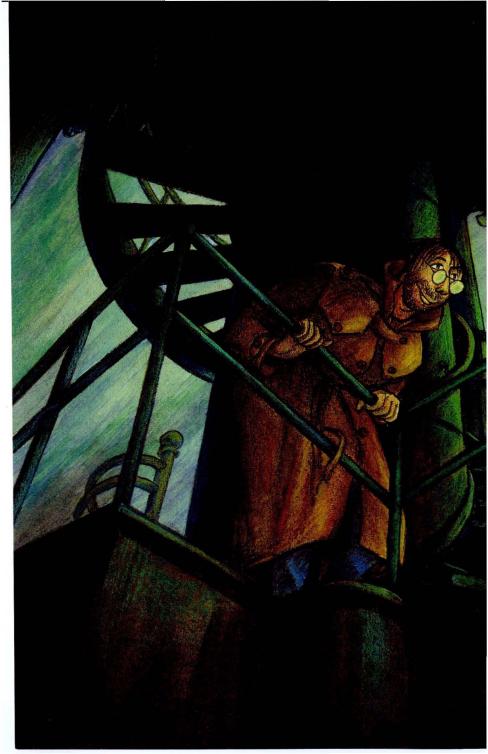
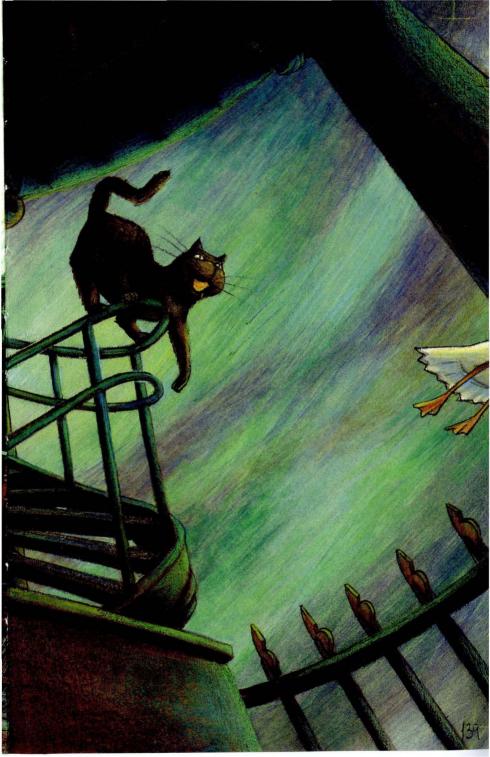
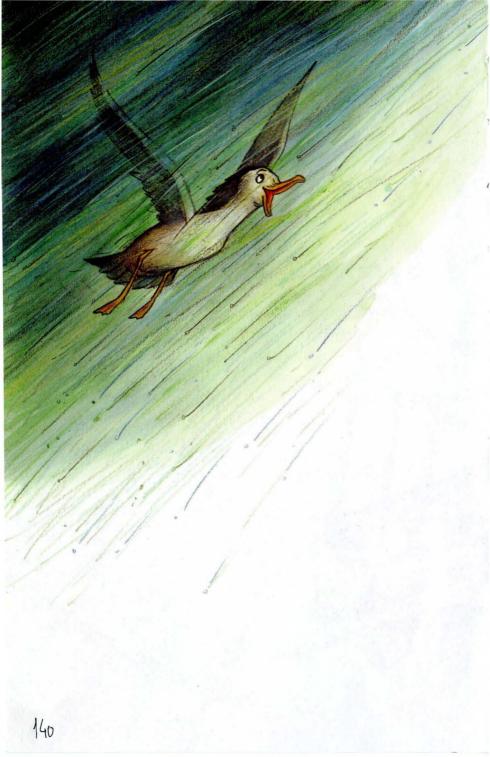
- Estou a voar! Zorbas! Sei voar! - grasnava ela, eufórica, lá da vastidão do céu cinzento.

O humano acariciou o lombo do gato.

- Bem, gato, conseguimos - disse suspirando.

- Sim, à beira do vazio compreendeu o mais importante - miou Zorbas.

- Ah, sim? E o que é que ela compreendeu? - perguntou o humano.

- Que só voa quem se atreve a fazê-lo - miou Zorbas.

– Suponho que agora te estorva a minha companhia. Espero-te lá em baixo – despediu-se o humano.

Zorbas permaneceu ali a contemplá-la, até que não soube se foram as gotas de chuva ou as lágrimas que lhe embaciaram os olhos amarelos de gato grande, preto e gordo, de gato bom, de gato nobre, de gato de porto.

Laufenburg, Floresta Negra, 1996